



**Centro Universitário de Brasília
Instituto CEUB de Pesquisa e Desenvolvimento – ICPD**

DEISI EMANOELA DA SILVA TEIXEIRA

**ESTRANGEIRISMOS, EMPRÉSTIMOS E FORMAS VERNACULARES:
COMO SÃO APRESENTADAS AS PALAVRAS DE OUTRAS
LÍNGUAS NAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS DE
MAURICIO DE SOUSA**

Brasília
2016

DEISI EMANOELA DA SILVA TEIXEIRA

**ESTRANGEIRISMOS, EMPRÉSTIMOS E FORMAS VERNACULARES:
COMO SÃO APRESENTADAS AS PALAVRAS DE OUTRAS
LÍNGUAS NAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS DE
MAURICIO DE SOUSA**

Trabalho apresentado ao Centro Universitário de Brasília (UniCEUB/ICPD) como pré-requisito para obtenção de Certificado de Conclusão de Curso de Pós-graduação *Lato Sensu* em Revisão de Texto: Gramática, Linguagem, Construção/ Reconstrução do Significado.

Orientador(a): Prof^a. Dr.^a Edineide dos Santos Silva.

Brasília
2016

DEISI EMANOELA DA SILVA TEIXEIRA

**ESTRANGEIRISMOS, EMPRÉSTIMOS E FORMAS VERNACULARES:
COMO SÃO APRESENTADAS AS PALAVRAS DE OUTRAS
LÍNGUAS NAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS DE
MAURICIO DE SOUSA**

Trabalho apresentado ao Centro Universitário de Brasília (UniCEUB/ICPD) como pré-requisito para obtenção de Certificado de Conclusão de Curso de Pós-graduação *Lato Sensu* em Revisão de Texto: Gramática, Linguagem, Construção/ Reconstrução do Significado.

Orientador (a): Prof^a. Dr.^a Edineide dos Santos Silva.

Brasília, ____ de _____ de 2016.

Banca Examinadora

Prof^a. Dr.^a Edineide dos Santos Silva (Orientadora)

Prof. Dr. Gilson Ciarallo

Prof^a. Dr.^a. Solange Lustosa

A João Nunes, Maria Lindalva e Deyko Durval,
testemunhas e maiores incentivadores das
vitórias de minhas pelepas.

AGRADECIMENTO (S)

Agradeço primeiramente a Deus, minha fonte de inspiração e força.

À minha família, sempre presente, me apoiando nas minhas lutas e aplaudindo minhas vitórias.

À minha orientadora, Edineide dos Santos Silva, por todo apoio, paciência, dedicação e por me inspirar a ser melhor.

Aos professores e funcionários do Curso de Pós-graduação *Lato Sensu*, na área de Revisão de Texto que, ao transmitir seus conhecimentos e me instruírem, fizeram este projeto ser possível.

Aos meus amigos e amigas, sempre disponíveis, dispostos e compreensivos. Jullyana, Fernanda, Nayara, Soraya, Gabi Vaz, Jocilene e Glória, por cada frase e atitude de incentivo, obrigada.

*“Eu descobri que a palavra não sabe o que diz.
A palavra delira. A palavra diz qualquer coisa.
A verdade é que a palavra nela mesma, em si própria, não diz nada.
Quem diz é o acordo estabelecido entre quem fala e quem ouve.
Quando existe acordo, existe comunicação.
Quando esse acordo se quebra, ninguém diz mais nada,
mesmo usando as mesmas palavras...”*

MOSÉ, Viviane.

(Trecho do poema *Revelação*)

RESUMO

Este trabalho descreve e analisa as formas de apresentação das palavras estrangeiras nas histórias em quadrinhos de Mauricio de Sousa ao longo das décadas. Com o objetivo de investigar a padronização do uso e das formas de apresentação dos empréstimos linguísticos, inicialmente, procedemos a uma breve revisão da literatura acerca dos conceitos de gênero textual (MARCUSCHI, 2008) e das semelhanças e dessemelhanças das modalidades de língua oral e escrita (MARCUSCHI, 2010). Em seguida, visando a dar visibilidade a aspectos da renovação lexical por meio de empréstimos recebidos pelo português, apresenta-se a conceituação de estrangeirismos e empréstimos linguísticos, suas classificações e suas formas de apresentação, tomando como base as classificações sugeridas por Sandmann (1997) e Alves (2007). Após isso, contextualiza-se o leitor quanto à realidade de produção do gênero histórias em quadrinhos no Brasil e no mundo e, com base em *corpus* coletado em revistas em quadrinhos Turma da Mônica, de Mauricio de Sousa, entre os anos 1971 e 2016, faz-se a descrição das ocorrências e a análise do padrão das apresentações dos estrangeirismos coletados nos textos analisados. Percebemos nesta pesquisa que, para o ofício da revisão de texto, não há uma padronização para a adaptação de termos estrangeiros a formas vernaculares ou ainda não parece haver padronização para a inserção de palavras estrangeiras, obedecendo a um caráter arbitrário de seleção.

Palavras-chave: Empréstimos Linguísticos. Estrangeirismos. Histórias em Quadrinhos. Mauricio de Sousa.

ABSTRACT

This paper aims to describe and analyze how foreign words are presented in Mauricio de Sousa comics magazines throughout the decades. With the purpose of investigating the standardization of the use of linguistic loan words and their forms of presentation, first of all, we proceed with a brief review of the literature on the textual gender concepts (MARCUSCHI, 2008), and we also bring a review of the similarities and differences between oral and written language modalities (MARCUSCHI, 2010). Afterwards, in order to highlight aspects of lexical improvement in Portuguese vocabulary, we present the concepts of loan words, their classifications and their forms of presentation, based on Sandmann (1997) and Alves (2007) suggestions. After that, the reader is contextualized with the situation of the comics industry in Brazil and around the world. Then, based on a *corpus* collected in Turma da Mônica comics' magazines, by Mauricio de Sousa, between 1971 and 2016, the analysis of the standard forms of presentations of the loan words and a description of these occurrences are given. The main conclusion of this study is that, for the proofreading activity, there is no standardization for adaptation of foreign terms to vernacular forms or there still does not seem to be standardization for the insertion of foreign words, obeying an arbitrary selection.

Key words: Loan words. Foreign words. Comics magazines. Mauricio de Sousa.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 – Gêneros textuais por domínios discursivos e modalidades.....	17
Figura 02 – O contínuo dos gêneros textuais na fala e na escrita.....	20
Figura 03 – Bóbis	37
Figura 04 – Démodé.....	37
Figura 05 – Cafuné / Cocar	38
Figura 06 – Catchup	38
Figura 07 – Cacique	39
Figura 08 – Bike	39
Figura 09 – Selfie	40
Figura 10 – Help / Aider / Hilfe / Aiutare	40
Figura 11 – Jogos eletrônicos.....	41
Figura 12 – Motoboy.....	42
Figura 13 – Video Gueime.....	43
Figura 14 – Uatzápi	43
Figura 15 – Roliudiano / Roliude	44
Figura 16 – Barzan	44
Figura 17 – Nerd.....	45
Figura 18 – Down	45
Figura 19 – Up.....	45
Figura 20 – Hamlet / Shakespeare	46
Figura 21 – Boy	48
Figura 22 – Yes	48
Figura 23 – Hippie	48
Figura 24 – Remake	49
Figura 25 – Fairplay.....	49
Figura 26 – Internet	50
Figura 27 – Thanks.....	50
Figura 28 – Marshmallow	51
Figura 29 – Gúgou / Tuíte	51
Figura 30 – Cheiquespir	51
Figura 31 – Roliúde	52
Figura 32 – Isnupi / Bitous.....	52

LISTA DE TABELAS

Tabela 01 – Dados Coletados.....	53
---	-----------

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 01 – <i>Corpus</i> da Pesquisa.....	53
Gráfico 02 – Predomínio Linguístico Geral – 1971 a 2016.....	55
Gráfico 03 – Predomínio Linguístico 1971 a 1989.....	55
Gráfico 04 – Predomínio Linguístico 1990 a 2008.....	56
Gráfico 05 – Predomínio Linguístico 2011 a 2016.....	57
Gráfico 06 – Empréstimos Lexicais Adaptados – 1971 a 2016	59
Gráfico 07 – Empréstimos Lexicais Não Adaptados – 1971 a 2016.....	59

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1 GÊNEROS TEXTUAIS.....	14
2 ORALIDADE E ESCRITA	19
3 PRODUTIVIDADE LEXICAL	22
3.1 Neologismos.....	22
3.1.1 Processos autóctones	23
3.1.2 Estrangeirismos e empréstimos	24
3.2 A celeuma em torno da língua	29
4 HISTÓRIAS EM QUADRINHOS	31
4.1 Mauricio de Sousa e sua Turma.....	33
5 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS.....	35
5.1 Análise contextual dos dados – domínios linguísticos	36
5.2 Análise linguística dos dados	40
5.2.1 Empréstimos Semânticos.....	41
5.2.2 Empréstimos Estruturais.....	42
5.2.3 Empréstimos Lexicais.....	42
5.2.3.1 Empréstimos Lexicais Adaptados	43
5.2.3.2 Empréstimos Lexicais Não Adaptados	44
5.2.4 Marcas gráficas	46
5.3 Resultados de Pesquisa	53
CONSIDERAÇÕES FINAIS	62
REFERÊNCIAS.....	65

INTRODUÇÃO

Com o aumento das facilidades de locomoção e de acesso a informações e com a ampliação da participação do nosso país no cenário político-econômico mundial, bem como o frequente encontro de culturas, torna-se inevitável a troca de conhecimentos, costumes e, conseqüentemente, a ampliação do léxico de uma língua por meio da incorporação de palavras estrangeiras, os denominados empréstimos linguísticos.

Novos horizontes e novos costumes nos são apresentados por meio da internet, da televisão, de obras literárias e, até mesmo, das revistas em quadrinhos, trazendo-nos uma gama de novas referências e valores. Essas novas ideias e visões de mundo são refletidas em novas formas de pensar e em novas maneiras de agir, escrever e falar.

A capacidade de produção de novas palavras no sistema de uma língua é uma das mais importantes características de eficiência de um sistema linguístico. O surgimento de novas palavras pode acontecer apenas para fins estilísticos ou para suprir a necessidade de nomear objetos e conceitos, novos à cultura já existente.

O presente trabalho tem como objetivo atestar e quantificar a presença do fenômeno dos empréstimos linguísticos e levantar questões acerca da padronização para a adoção, adaptação e exibição de termos oriundos de língua estrangeira nos quadrinhos da Turma da Mônica, de Mauricio de Sousa, ao longo das décadas.

Com o objetivo de esclarecer de que forma se apresentam os empréstimos linguísticos, que se encontram cada vez mais inseridos no léxico do português, e diagnosticar o uso destes, inicialmente, procede-se no primeiro capítulo a uma breve revisão da literatura acerca do conceito de gênero textual, apoiados pelos ensinamentos de Marcuschi (2008) e, acrescentado a este, segue-se o segundo capítulo com o estudo das semelhanças e dessemelhanças das modalidades de língua oral e escrita, também trazidos por Marcuschi (2010).

Em seguida, visando a dar embasamento e ênfase aos conceitos da renovação lexical por meio de empréstimos recebidos pelo português, apresenta-se no capítulo seguinte, acerca de produtividade lexical, a conceituação de estrangeirismos e empréstimos, as suas classificações e quais as formas de

apresentação mais comuns nos textos analisados, tomando como base as classificações sugeridas por Sandmann (1997) e Alves (2007).

Após isso, no quarto capítulo, contextualiza-se o leitor quanto à realidade de produção do gênero histórias em quadrinhos no Brasil e no mundo e, em seguida, no quinto capítulo destinado à apresentação e análise de dados, com base em *corpus* coletado em revistas em quadrinhos Turma da Mônica, de Mauricio de Sousa, entre os anos 1971 e 2016, faz-se a descrição e análise dos estrangeirismos coletados.

1 GÊNEROS TEXTUAIS

Encontramos nas diferentes esferas sociais e discursivas os comportamentos ditos como aceitos pela sociedade, as ações consideradas adequadas e as convenções historicamente constituídas como próprias para aquele determinado ambiente. Situação semelhante acontece com a língua que utilizamos, que também se molda às diferentes situações que enfrentamos de variadas formas.

A nossa linguagem é também influenciada, senão principalmente influenciada, pelo meio ao qual estamos inseridos e pelo interlocutor ao qual nos dirigimos. Como nos afirma Bakhtin (2016, p. 63), o universo linguístico e social do outro influenciará as escolhas linguísticas e a composição feita na elaboração do enunciado: “Ao falar, sempre levo em conta o campo aperceptivo da percepção do meu discurso pelo destinatário: até que ponto ele está a par da situação, [...] levo em conta as suas concepções e convicções”.

Imprimindo sua visão sociointeracionista¹ e refutando o postulado estruturalista de Saussure, que pregava ser a fala somente um ato individual, Marcuschi (2008, p. 19) afirma que “a enunciação humana é sempre um ato social” e acrescenta que:

O meio em que o ser humano vive e no qual ele se acha imerso é muito maior que seu ambiente físico e seu contorno imediato, já que está envolto também por sua história, sua sociedade e seus discursos. A vivência cultural humana está sempre envolta em linguagem e todos os textos situam-se nessas vivências estabilizadas simbolicamente. (MARCUSCHI, 2008, p. 173)

Qualquer enunciado é organizado primeiramente fora do indivíduo, em condições que o contexto e o interlocutor dialogicamente lhe impõem, o que contribui para a construção da noção de gênero textual como “forma de ação social” (MILLER apud MARCUSCHI, 2008, p. 149). Essa expressão de Miller explica satisfatoriamente a observação feita por Marcuschi (2008, p.172), quando este afirma que “não podemos supor que em todas as culturas se escreva uma carta do mesmo modo”. Se o ambiente externo, social, exerce enorme influência no

¹ “Este modelo [interacionista] tem a vantagem de perceber com maior clareza a língua como fenômeno interativo e dinâmico, voltado para as atividades dialógicas que marcam as características mais salientes da fala, tais como as estratégias de formulação em tempo real”. (MARCUSCHI, 2010, p. 33).

comportamento dos falantes, é natural que aspectos culturais e sociais interfiram na confecção dos seus textos e falares de diversos gêneros.

Marcuschi (2008) nos atenta, entretanto, para a necessidade de evitarmos os determinismos. Ao reconhecer que o enunciado é constituído fora do indivíduo, não devemos negar as subjetividades na construção da linguagem, sendo de extrema importância tanto a valorização do universo individual do falante quanto a valorização do universo interacional em que este está inserido e, citando Faraco, afirma que “não queremos perder nem as singularidades da subjetividade, nem o novo, o inusitado, o imprevisível, o inesperado dos eventos de interação” (FARACO, apud MARCUSCHI, 2008, p. 22).

Hoje, conforme conceitua Marcuschi (2008, p. 149), bebendo na fonte de Bakhtin, *gênero* é usado para categorizar **discursos de qualquer tipo, falado ou escrito**, afirma que “[...] o trato dos gêneros diz respeito ao trato da língua em seu cotidiano nas mais diversas formas”.

Não há que se confundir os conceitos de tipos textuais, gêneros textuais e domínios discursivos. Os tipos textuais compartilham características estruturais e linguísticas, de classificação mais perceptível e categorias fechadas. Já os gêneros compartilham características funcionais, não referentes à forma, assim como os domínios discursivos, sendo difícil a tarefa de classificação desses dois últimos.

Marcuschi (2008, p. 155) elucida que o primeiro se trata das categorias de texto chamadas narração, argumentação, exposição, descrição e injunção. Já o segundo, gêneros textuais ou gêneros discursivos, “são os textos que encontramos em nossas vidas diárias e que apresentam padrões sociocomunicativos característicos definidos por composições funcionais, objetivos e estilos”.

O domínio discursivo indica as instâncias discursivas, que são as diversas áreas do conhecimento, comum ou técnico, social ou institucional, e esferas de vida social, como a área jurídica, esportiva, médica, religiosa, militar e etc., dando origem a vários gêneros textuais inseridos nesses domínios.

O autor ainda enfatiza a importância de não categorizar esses três elementos como distintos e distantes, mas entender que são complementares e integrados, coexistindo heterogeneamente.

Para exemplificação simples do que foi dito, imaginemos que o objetivo de um falante seja ensinar como fazer uma refeição, por exemplo. Esse objetivo específico determinará que o formato textual a ser produzido corresponda ao gênero textual *receita*, pertencente ao domínio discursivo da *saúde*, predominando o tipo textual da *injunção*. Tal gênero textual trará marcas linguísticas próprias, com características já conhecidas pertencentes ao gênero textual *receita*, tendo habitualmente de citar quais ingredientes utilizar e enumerar as devidas instruções em seu conteúdo.

Não diferente de outros gêneros textuais, a *receita* é um gênero dinâmico. Este poderá se adaptar e ser confeccionado de maneiras várias (oral e escrito), utilizar diversos recursos (imagens, figuras, texto corrido, voz) e utilizar diversos meios de suporte² e transmissão (apresentação em programa de tevê, transmissão por telefone, impressões em jornais e revistas ou serem expostas em embalagens de produtos).

Na definição de Marcuschi (2008), os **gêneros textuais** têm propósitos, conteúdos e estilo claros e definidos, mas estes não são estáticos e rígidos, bem como não são estáticas as suas formas de apresentação. Os gêneros possuem identidade própria e, assim, possuem certo grau de padronização, mas nunca possuem um engessamento. O que caracteriza, portanto, segundo Marcuschi (2008), um gênero textual é a sua função na prática sociointerativa entre os falantes e o papel que o gênero exerce no domínio discursivo ao qual pertence.

O gênero textual **histórias em quadrinhos** é gênero escrito, geralmente divulgado por meio dos suportes das revistas semanais ou mensais não científicas e dos jornais. Possuem como tipologias textuais habituais a narração, a exposição e a descrição, não impedindo que existam as demais categorias de argumentação e injunção, bem como vários outros aspectos multimodais, que serão citados mais a seguir, em capítulo acerca da conceituação de histórias em quadrinhos.

Para Marcuschi, as histórias em quadrinhos figuram em três principais domínios discursivos distintos, conforme destacado em Figura 01, a seguir (MARCUSCHI, 2008, p. 195), a saber: domínio jornalístico, domínio lazer e domínio ficcional.

² “Entendemos aqui como suporte de um gênero um *locus* físico ou virtual com formato específico que serve de base ou ambiente de fixação do gênero materializado como texto. Pode se dizer que suporte de um gênero é uma superfície física em formato específico que suporta, fixa e mostra um texto.” (MARCUSCHI, 2008, p. 174)

Figura 01 – Gêneros textuais por domínios discursivos e modalidades

GÊNEROS TEXTUAIS POR DOMÍNIOS DISCURSIVOS E MODALIDADES

DOMÍNIOS DISCURSIVOS	MODALIDADES DE USO DA LÍNGUA	
	ESCRITA	ORALIDADE
Jornalístico	editoriais; notícias; reportagens; nota social; artigos de opinião; comentário; jogos; histórias em quadrinhos; palavras cruzadas; crônica policial; crônica esportiva; entrevistas jornalísticas; anúncios classificados; anúncios fúnebres; cartas do leitor; carta ao leitor; resumo de novelas; reclamações; capa de revista; expediente; boletim do tempo; sinopse de novela; resumo de filme; cartoon; caricatura; enquete; roteiros; errata; charge; programação semanal; agenda de viagem	entrevistas jornalísticas; entrevistas televisivas; entrevistas radiofônicas; entrevista coletiva; notícias de rádio; notícia de tv; reportagens ao vivo; comentários; discussões; debates; apresentações; programa radiofônico; boletim do tempo
Publicitário	propagandas; publicidades; anúncios; cartazes; folhetos; logomarcas; avisos; necrológios; outdoors; inscrições em muros; inscrições em banheiros; placas; endereço postal; endereço eletrônico; endereço de internet	publicidade na tv; publicidade no rádio
Lazer	piadas; jogos; adivinhas; histórias em quadrinhos; palavras cruzadas; horóscopo	fofocas; piadas; adivinhas; jogos teatrais
Interpessoal	cartas pessoais; cartas comerciais; cartas abertas; cartas do leitor; cartas oficiais; carta-convite; cartão de visita; e-mail; bilhetes; atas; telegramas; memorandos; boletins; relatos; agradecimentos; convites; advertências; informes; diário pessoal; aviso fúnebre; volantes; lista de compras; endereço postal; endereço eletrônico; autobiografia; formulários; placa; mapa; catálogo; papel timbrado	recados; conversações espontâneas; telefonemas; bate-papo virtual; convites; agradecimentos; advertências; avisos; ameaças; provérbios
Militar	ordem do dia; roteiro de cerimônia oficial; roteiro de formatura; lista de tarefas	ordem do dia
Ficcional	épica - lírica - dramática; poemas diários; contos; mito; peça de teatro; lenda; parlendas; fábulas; histórias em quadrinhos; romances; dramas; crônicas; roteiro de filme	fábulas; contos; lendas; poemas; declamações; encenações

Fonte: Marcuschi (2008, p. 195, com adaptações).

Com base na justificativa de Marcuschi de que o propósito de um gênero textual é um dos critérios para sua classificação e, com base na sua citação de Douglas Biber, em que afirma que “os gêneros são geralmente determinados com

base nos objetivos dos falantes e na natureza do tópico tratado, sendo assim uma questão de uso e não de forma” (BIBER apud MARCUSCHI, 2008, p. 188), identificamos que a função de uma história em quadrinho é, primordialmente, a de contar histórias de forma descontraída a fim de entreter e divertir, geralmente com temas e referências a eventos atuais.

Sabendo que os conceitos de domínio, gêneros e tipos são heterogêneos e complementares, a Figura 01 evidencia, como já explicitado, que é possível que o gênero história em quadrinhos conste presente em três domínios discursivos diferentes.

A função precípua das histórias em quadrinhos corresponde então aos domínios discursivos lazer, ficcional e jornalístico, mas acolheríamos sem espanto, por exemplo, quando em uso cotidiano, as histórias em quadrinhos ilustrassem incidentalmente documentos de domínio discursivo diversos como o religioso, político, antropológico, entre outros, geralmente com intuito de transmitir uma mensagem de forma descontraída.

E, como explicita Marcuschi (2008), os conceitos de domínios discursivos e gêneros textuais não são taxativos e exaustivos, tendo em vista a diversidade de características, abordagens e a maleabilidade da categorização. Diante do caráter dinâmico e não rígido dos gêneros textuais, não é impossível, portanto, presenciar um gênero textual participando de diversas esferas discursivas.

2 ORALIDADE E ESCRITA

Especificar semelhanças e diferenças entre as práticas comunicativas da língua falada e da língua escrita já foi, por alguns anos, tarefa de resposta pronta: a produção escrita seria considerada superior à fala.

Por ser adquirida em ambientes formais como a escola, a escrita possuía *status* de prestígio e de atividade de maior complexidade perante a aquisição da prática da fala, adquirida por meio de interações sociais menos complexas e informais e antes considerada “lugar do erro e do caos Gramatical” (MARCUSCHI, 2010, p. 28).

Os critérios para a valorização da escrita sobre a fala, e para a valorização da língua escrita padrão como superior, antes obedecem a regras socioculturais e ideológicas que a regras linguísticas, o que causa, na visão de Marcuschi (2010), dentro de uma sociedade desigualmente desenvolvida como a nossa, dificuldades como o preconceito social e linguístico.

Desde a década de 1980, entretanto, essa concepção vem mudando. Hoje há o predomínio da ideia de que oralidade e a escrita são atividades interativas complementares no contexto das práticas sociais e culturais. De acordo com Marcuschi (2010, p. 22), “na sociedade atual, tanto a oralidade quanto a escrita são imprescindíveis na transmissão de ideais. Trata-se, pois, de não confundir seus papéis e seus contextos de uso, e de não discriminar seus usuários”.

Se antes havia a noção de primazia da escrita sobre a fala, hoje não poderá haver, contudo, a noção de primazia da fala sobre a escrita. Os usos empíricos da língua nos conduzem aos seus fundamentos escritos, afirma Marcuschi (2010). Antes da escrita veio a fala, mas a oralidade apenas possui primazia cronológica diante da escrita, não de preferência ou valor.

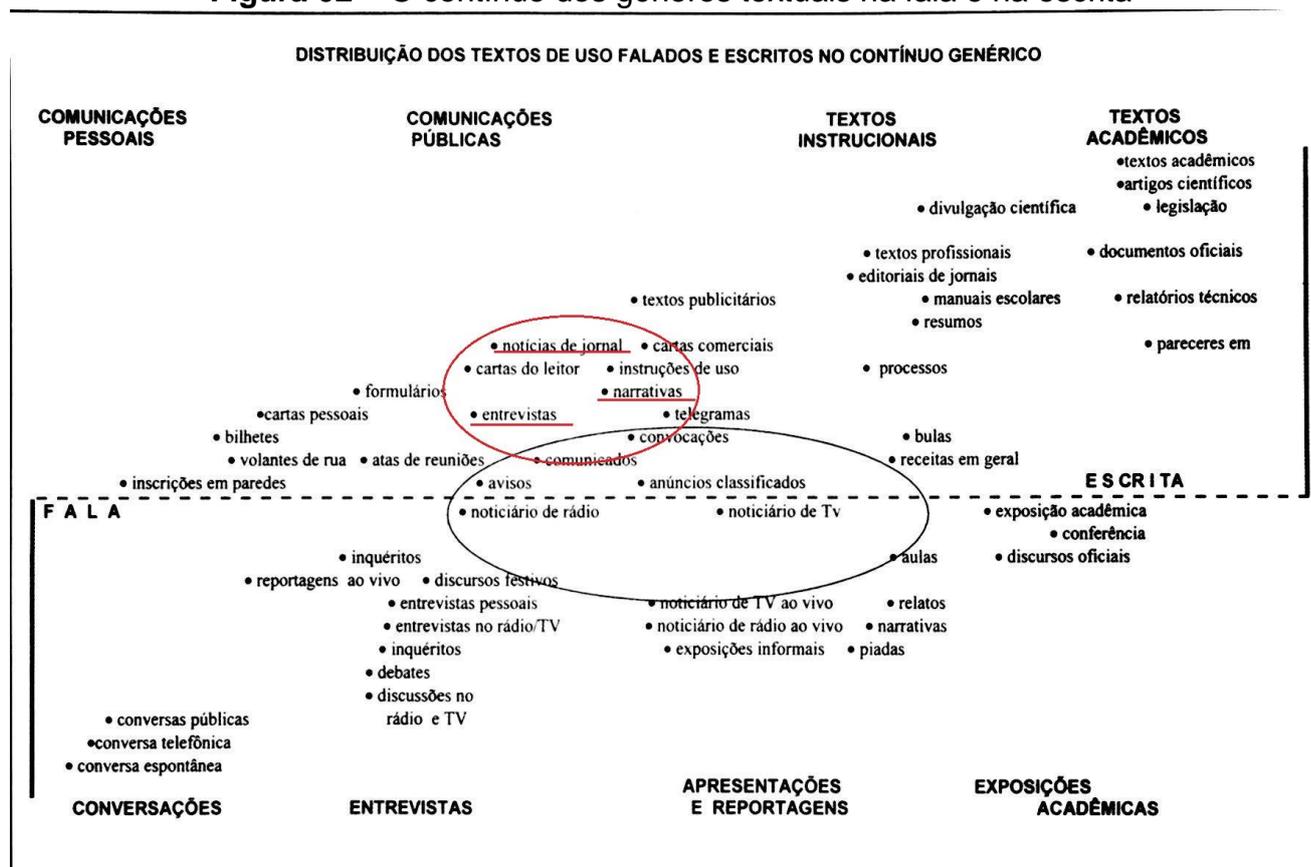
As duas modalidades de uso da língua, a oralidade e a escrita, possuem características próprias e peculiares. Segundo Marcuschi (2010, p. 17), a oralidade possui fenômenos como “a prosódia, a gestualidade, os movimentos do corpo e dos olhos”, a escrita apresenta elementos como “o tamanho e tipo de letras, cores e formatos, elementos pictóricos que operam como gestos, mímica e prosódia graficamente representada”. Os dois processos se complementam e coexistem com

características próprias, diferenças acentuadas, não podendo ser a escrita representada pela fala, mas ainda assim pertencem em nível igual de importância a um mesmo sistema linguístico.

Marcuschi (2010) cita a existência de um *continuum* na relação entre fala e escrita como forma de ver a soma de produções das duas modalidades de língua, concernente ao conceito de gêneros textuais e seus usos em sociedade. A dicotomia entre fala e escrita já não é válida como classificação dessas atividades comunicativas, tornando-se um contínuo.

Para entender a possibilidade de os gêneros textuais serem distribuídos num *continuum* de sobreposição da modalidade escrita sobre a oral e, por vezes, serem hibridamente classificados nas duas modalidades, basta observarmos a Figura 02.

Figura 02 – O contínuo dos gêneros textuais na fala e na escrita



Fonte: Marcuschi (2008, p.197), com adaptações.

A interferência do círculo preto na Figura 02 foi originalmente confeccionada por Marcuschi (2010, p. 197) para indicar a localização de “gêneros intermodais”,

gêneros de difícil classificação entre as modalidades de fala ou de escrita, por se comportarem nas duas formas ou se caracterizarem nas duas modalidades, como são os casos dos avisos, comunicados, noticiários de rádio e tevê (que são primeiramente confeccionados como textos escritos e depois lidos diante de um microfone ou uma câmera) e anúncios classificados.

Para uma localização do gênero das histórias em quadrinhos na distribuição do contínuo genérico de Marcuschi (2010), optamos por destacar na Figura 02 um círculo vermelho envolvendo a área da modalidade escrita, que abrange os itens *notícia de jornal, entrevistas e narrativas*, tendo em vista a disposição anterior do autor, na Figura 01, em que classificava as histórias em quadrinhos como pertencentes ao gênero escrito do domínio jornalístico, ficcional e lazer.

Trata-se de uma distribuição complexa das modalidades oral e escrita, mas que traz a relação dos textos escritos e falados quanto a suas estruturas, estilos e graus de formalidade, sempre acatando a contextualização quanto ao uso para essa classificação.

Cabe ainda acrescentar que a fala e a escrita são comumente estudadas em seus aspectos sonoros e alfabéticos, mas essas não são as únicas possibilidades de análise dentre as características das duas formas de comunicação. Recentemente, a escrita publicitária, as páginas de internet, as histórias em quadrinhos e a maioria das produções escritas encontram-se cada vez mais permeadas por linguagem visual / imagética, informa-nos Marcuschi (2010).

O autor enfatiza que, além das unidades alfabéticas, as unidades iconográficas estão cada vez mais presentes nos textos escritos cotidianos. “Não estamos imunes às imagens e a escrita abrange todos os tipos de escrita, sejam eles alfabéticos ou ideográficos” (MARCUSCHI, 2010, p. 26). A linguagem escrita abrange, portanto, todo tipo de escrita, sendo complementar à linguagem oral.

Na análise do gênero histórias em quadrinhos, temos, então, uma gama de características próprias do caráter alfabético que esse gênero escrito possui, acrescidas de recursos visuais de imagens, cores, tamanhos diferenciados de letras, entre outros. Os textos são de uma riqueza ímpar, atuais, e trazem referências externas, mostrando intertextualidade e conexão com a sociedade e seu tempo.

3 PRODUTIVIDADE LEXICAL

Para Basílio (2007, p. 7-13), “as palavras, ou itens lexicais,³ são os elementos básicos que utilizamos para formar enunciados [...]”, podendo ser definidas como sequências que ocorrem entre espaços ou sinais de pontuação.

O enriquecimento do vocabulário e a ampliação do léxico de uma língua são realizados por meio de variadas formas, desde o aumento do vocabulário individual dos falantes, por meio da leitura de um jornal, por exemplo, até o aumento do léxico de uma língua por meio dos contatos linguísticos entre os povos.

Cada falante tem a capacidade de produzir novas palavras no seu próprio idioma, enquanto possuidor das regras internas de formação de palavras, para traduzir o que se sente e nomear novas ações e objetos, conforme sua necessidade de comunicação, estabelece Alves (2007). Utilizando recursos internos de ampliação do léxico da língua, somos capazes de introduzir novas palavras no nosso cotidiano e formar novos vocábulos a partir dos que já possuímos.

A esses processos de ampliação e inovação lexical chamamos neologismos e, entre os neologismos, encontramos os estrangeirismos e empréstimos.

3.1 Neologismos

As unidades lexicais das línguas estão sempre se renovando. Alguns termos caem em desuso, outros são trazidos ao uso. Em um conceito sucinto apresentado por Ieda Maria Alves (2007, p. 5) temos que “ao processo de criação lexical dá-se o nome de Neologia. O elemento resultante, a nova palavra, é denominado neologismo”.

³ Assumimos o significado de *palavra* como *item lexical*, não nos aprofundando nos diferentes níveis de conceituação do termo.

3.1.1 Processos autóctones

Para a maioria dos autores analisados, há um consenso na conceituação de neologismo como aquele que “pode ser formado por mecanismos oriundos da própria língua” (ALVES, 2007, p. 7). Para Alves, esses novos termos são gerados por meio dos “processos autóctones”, por meio de mudanças e adaptações da própria estrutura interna da língua ou processos internos da língua.

Segundo Sandmann (1997), esse processo interno de enriquecimento vocabular acontece quando há a formação de palavras novas por meio de morfemas preexistentes e é, para o autor, o alicerce para o processo de desenvolvimento do léxico e o principal recurso de que as línguas se servem para a ampliação do próprio dicionário.

Ainda segundo Sandmann (1997), os neologismos internos são comumente criados por meio dos processos classificados como **derivação** (classificado em *prefixação e sufixação* – quando a base é acrescida de afixos –, *derivação regressiva, parassintética e imprópria*) de **composição** (a junção de duas ou mais bases) e, menos produtivos que os anteriores, pelos processos de **abreviação formadora de sigla** (siglas e acrônimos que se comportam como palavras e recebem desde derivações a flexão de número, por exemplo, TVs, MPs, UTIs, CLT, Celetista), de **cruzamento vocabular** (quando duas bases são compostas sofrendo cortes, ex.: bebemorar) e de **reduplicação** (elementos iguais ou funções idênticas, onomatopaicas ou não, ex.: lero-lero, puxa-puxa, zigue-zague).

Basílio (apud SANDMANN, 1997, p. 24) atribui ao processo de formação de palavras três funções basilares: a *semântica*, a *sintática* e a *discursiva*. As funções apresentadas não existirão sozinhas, mas quando o texto assim o exigir. De acordo com a autora, “não se pode destacar a possibilidade de que essas funções sejam mescladas”.

A função *semântica* se encarrega da nomeação de novos conceitos que surgem das áreas técnicas, por exemplo. Já a função *sintática* é destacada pela necessidade de adequação sintática dos termos. Essa função se faz presente quando há a mudança de classe de palavra. A autora cita como exemplos, dentre

outros, o termo *apressadamente* (o adjetivo *apressado* é transformado em advérbio para modificar o verbo).

À função *discursiva* cabe destacar a necessidade de adequar aspectos subjetivos do emissor em relação ao conteúdo apresentado ou de adequar o termo à estrutura do texto. Expressões subjetivas, segundo Basílio (apud SANDMANN, 1997), são expressões criadas com intenções primordialmente estilísticas, como nos exemplos das palavras *bobice*, *borrachento*, *falação*, *golzinho*, dentre outros, gerados por meio do uso do recurso morfológico de criação de palavras por sufixação.

Sandmann (1997, p. 67) acrescenta a essa gama de conceitos, as considerações sobre **lexicalização** ou **idiomatização** na formação de novas palavras. Esses elementos acontecem quando o termo sofre acréscimo semântico ou sofre alteração de significado. O termo *macacão* não significa macaco grande, assim como *portão*, *calção*, *cursinho*, *reclamar* e *desgosto* não são exatamente o que sugerem seus sufixos e prefixos, o que indica que houve lexicalização/idiomatização do termo.

Não seria ainda aconselhável, segundo enfatiza Sandmann (1997), confundir produtividade lexical com a produtividade sintática. **A produtividade sintática**, ao contrário da lexical, está presente em maior escala, pois acontece quando as palavras são flexionadas em gênero, número e pessoa, demonstrando apenas o grande poder de flexibilidade que a língua possui.

3.1.2 Estrangeirismos e empréstimos

A conceituação de estrangeirismos e empréstimos seria simples, aparentemente, não fosse a enorme variedade de conceitos encontrados – e desconhecidos – na definição dos termos.

Para a maioria dos gramáticos normativistas, estrangeirismo trata-se de um vício de linguagem, classificado como “barbarismo”. “É o emprego de palavras, expressões e construções alheias ao idioma que a ele chegam por empréstimos tomados de outra língua”, conceitua Bechara (2009, p. 499).

No entendimento de Faraco (2001, p. 9), os estrangeirismos são “palavras e expressões de outras línguas, usadas correntemente em algumas áreas do nosso cotidiano”. Por outro lado, Alves (2007, p. 72) afirma que o estrangeirismo “é sentido como externo ao vernáculo dessa língua [...], não faz parte do acervo lexical do idioma”.

O que conhecemos como estrangeirismo hoje pode ser incorporado à língua e não ser taxado dessa forma em um futuro próximo. Segundo Garcez e Zilles (apud FARACO, 2001, p. 19), esses elementos que surgem do contato linguístico “são incorporados de modo tão íntimo à língua que os acolhe, pelos processos normais de mudanças linguísticas, que em duas gerações nem sequer são percebidos como estrangeiros”.

Seguindo nossa pesquisa, deparamo-nos com a opinião de Ieda Alves (2007, p. 72), em que a autora nos diz que “o estrangeirismo costuma ser empregado em contextos relativos a uma cultura alienígena”. O estrangeirismo seria, portanto, para a autora, utilizado em contextos da cultura da língua de origem, seria um estágio inicial da manifestação do empréstimo linguístico, facilmente encontrado em vocabulários técnicos e imediatamente traduzido pelo autor.

O conceito de estrangeirismo e empréstimo chega a ser, por algumas vezes, igualado por alguns autores, exibindo uma linha tênue de distinção dos dois conceitos. Garcez e Zilles (apud FARACO, 2001, p. 15), por exemplo, afirmam que “estrangeirismo trata-se de fenômeno constante no contato entre comunidades linguísticas, também chamado de empréstimo”. Os autores conferem ao conceito de empréstimo uma “suspeita de identidade alienígena” e terminam por definir estrangeirismo como um “empréstimo suspeito”.

A dificuldade de encontrar um consenso na definição dos termos estrangeirismo e empréstimo também se reflete na dificuldade prática de encontrar palavras no português que consigam abarcar o real sentido do que uma palavra estrangeira queira dizer, ou ainda se reflete na dificuldade de representar em palavras uma peculiar realidade estrangeira em nossa língua materna.

Aprendemos nos primeiros anos de escola o conceito de “sinônimos” como sendo o de palavras de mesmo significado, mas entendemos, com mais alguns anos de estudo, que existe complexidade em tal conceituação. Dizer que algo é belo não

é igual a dizer que é lindo. Cada palavra carrega em si uma significação sem equivalência a outra. “Se não há correspondência entre palavras de uma língua, mais dificilmente ela existirá entre palavras de línguas diferentes”, alerta-nos Possenti (apud FARACO, 2001, p. 170).

Terminamos, nesses casos, por achar compreensível quando o falante opta pelo uso de termos estrangeiros em vez de utilizar palavras equivalentes na própria língua, ou quando pronuncia esses termos alienígenas com as características fonológicas do seu idioma, ou ainda quando adapta a grafia da palavra externa, carregando de significado as adaptações que nada tem a ver com o significante original, como nos mostra Bagno (apud FARACO, 2001, p. 75).

O que recebe um estrangeirismo numa determinada língua é, portanto, primordialmente, o reconhecimento do termo pela comunidade linguística que o fala. A comunidade linguística tomará “emprestado” o termo estrangeiro à sua cultura e o usará da forma como o recebeu ou o adaptará à sua língua, conforme assimilação e decisão dos próprios falantes. Mas essa adaptação não é feita com nenhum outro critério além da aceitação dos falantes às formas vernaculares, podendo ser veiculadas em jornais, revistas e outros.

O aportuguesamento que o falante nativo confere ao estrangeirismo não se estabelece por nenhuma regra gramatical, é feito gradualmente, não sendo gramaticalmente ditado, mas intuitivamente modificado pelo uso, como nos afirma Bagno (apud FARACO, 2001, p. 81-83):

O aportuguesamento de uma palavra ou expressão não se faz por decreto. Ele acompanha o uso que os falantes nativos da língua fazem desses empréstimos lexicais. [...] E a língua é assim porque “a língua” não existe: o que existe são seres humanos, inseridos em contexto sócio histórico específico, que querem se fazer entender, interagir, comunicar-se uns com os outros.

Enquanto Sandmann (1997) não nos apresenta conceito classificatório específico de estrangeirismo – ele nos introduz diretamente ao conceito de “empréstimo” – Alves (2007) nos apresenta que, enquanto pertencer a uma língua alienígena, o termo importado se denominará estrangeirismo. Para a autora, esse estrangeirismo seria o primeiro nível do empréstimo.

Para Alves (2007, p. 73), a neologia por empréstimo apresenta-se em diferentes níveis: ***o estrangeirismo, a tradução do estrangeirismo e a integração do neologismo por empréstimo.***

A integração morfossintática do termo estrangeiro dar-se-á, segundo Alves (2007), principalmente pela capacidade de formar derivados e compostos. Opinião corroborada por Sandmann (1997, p. 73) quando este afirma que o “sinal de que um empréstimo linguístico está bem integrado é seu uso como base para derivações, especialmente sufixações”.

A concepção de Sandmann (1997, p. 22) quanto à classificação dos termos estrangeiros com relação à passagem de uma língua a outra será a utilizada como base para a análise realizada neste trabalho, por nos parecer a mais abrangente na classificação geral dos termos estrangeiros utilizados em textos, ora denominados por ele empréstimos linguísticos.

Sandmann (1997, p. 72) propõe que os empréstimos linguísticos são o “recurso secundário de enriquecimento do vocabulário de uma língua”, logo após os processos internos de formação de palavras, e indica ainda que as palavras estrangeiras podem ser enquadradas nas seguintes classificações de empréstimo:

- a) **Empréstimo lexical:** é o empréstimo linguístico sem tradução ou substituição de morfemas, que podem ou não receber adaptações fonológicas e/ou ortográficas, não sendo características excludentes uma da outra. Subdivide-se o empréstimo lexical em:
- *Não adaptados:* também chamado de “*adopted words*”. A não adaptação pode ser:
 - i) Fonológica e ortográfica – a palavra permanece com pronúncia e grafia de origem (*smoking, jazz*).
 - ii) Ortográfica – a palavra permanece com a mesma grafia, mas pronúncia da língua portuguesa (*freezer, lobby, show*).
 - iii) Morfológica – a palavra permanece com a mesma regra de flexão da língua de origem; aqui exemplos de flexão de plural que seguem a língua originária: *hobby – hobbies, campus – campi*.

- Em processo de adaptação – os termos são grafados e pronunciados das duas formas, conforme estabelecidos na língua de origem ou pelas regras do português (*menu* – pronunciado “*menu* ou *men*”, com correspondente vernacular “cardápio”; *stress* – pronunciado “*stress*, *estres*, ou *estresse*”, *surf* – pronunciado “*surf* ou *surfe*”).
 - Adaptados – os termos são grafados e pronunciados à brasileira e recebem derivações e flexão de plural conforme regras da língua portuguesa. (clube – clubes, contêiner – contêineres, sinuca, futebol, copidesque, leiautar, etc.).
- b) **Empréstimo semântico ou decalque:** são os empréstimos com tradução. (*Spaceship* = espaçonave/nave espacial). De acordo com Sandmann (1997), o empréstimo semântico traz o significado sem trazer o significante e pode acontecer com ou sem alteração de estrutura. Como o exemplo *hot-dog* de (adjetivo + substantivo) para *cachorro-quente*, há alteração de estrutura; já de *haute-couture* para *alta-costura* a estrutura não é alterada.
- c) **Empréstimo estrutural:** segue um modelo estrangeiro de formação de palavras, mas os termos da formação não são estrangeiros. Nesse tipo de empréstimo estrutural, percebemos uma estrutura inversa da encontrada no modelo vernáculo de formação de compostos, no qual temos o determinante vindo antes do determinado, como é comum em estruturas do inglês (cineclube, motogincana, Lucy Calçados).

Um diagnóstico que se faz pertinente ao estudo dos estrangeirismos, e o qual também utilizaremos como base para a análise de segundo nível deste trabalho, são as marcas visuais exibidas no texto, utilizadas para a caracterização, ênfase e destaque dos empréstimos ou quaisquer outras novas criações lexicais.

Alves (2007, p. 83) se refere a essa forma diferenciada de apresentação dos neologismos no texto como representação de um “sentimento de neologia” trazido pelo autor. Sejam presentes em textos jornalísticos ou obras literárias, quando o autor se utiliza de recursos gráficos para apontar que aquele termo específico não

comunga do léxico habitual da língua, ele apresenta **marcas visuais gráficas de neologismo**.

Essa necessidade de apontamento seria, para Alves (2007), quase um pedido de desculpas do autor por inserir no texto palavras inovadoras e entender que nem todos alcançarão o significado, além de realçar o resultado da criatividade lexical.

Para Alves (2007, p. 83), os principais recursos utilizados na tradução gráfica visual dos empréstimos e estrangeirismos são as marcas gráficas das *aspas*, *maiúsculas* e *itálicos*. Além dessas formas, a autora ainda cita a *tradução* e a *metalinguagem*⁴ como recursos informativos e explicativos dos termos alienígenas.

3.2 A celeuma em torno da língua

A existência de termos estrangeiros de uso corriqueiro no nosso vernáculo trouxe consigo, além da expansão natural de entradas no léxico, algumas “guerras” e debates de opiniões no que concerne o seu uso, é o que nos apresenta Faraco (2001) em seu *“Estrangeirismos – guerras em torno da língua”*.

É imperioso reservar espaço neste texto para apresentar esse episódio importante acerca das discussões do uso de termos estrangeiros no português do Brasil. No ano de 1999, com a apresentação do Projeto de Lei Federal nº 1.676/1999,⁵ de autoria do deputado Aldo Rebelo (PC do B/SP), fomos apresentados à proposta que prometia a “promoção, a proteção, a defesa e o uso da língua portuguesa”.

Segundo Faraco (2001, p. 7), o uso de estrangeirismo seria visto de duas maneiras. Por um lado, seria visto pelo prisma daqueles que defendem o direito dos falantes a mudar a sua língua e, por outro, pelo prisma daqueles que o consideram ato lesivo ao patrimônio cultural brasileiro e à identidade nacional.

Conforme Faraco, na visão da população militante contra o uso de estrangeirismos, a qual ele se coloca explicitamente em posição contrária, o uso de termos estrangeiros exclui determinadas parcelas da população que não tiveram

⁴ A metalinguagem se caracteriza pela inserção de notas de rodapé explicativas e de tradução.

⁵ Faraco (2001).

oportunidade de aprender outra língua e o principal expoente desse lado da celeuma seria o referido Projeto de Lei Federal nº 1.676/1999.

O Projeto solicita a proibição do uso de estrangeirismos (art. 4º) e determina a substituição dessas palavras ou expressões no prazo máximo de 90 dias após a publicação da lei. O texto traz ainda em seu art. 5º, parágrafo único, quais deveriam ser as alternativas de ação para aqueles que utilizam termos estrangeiros e não encontram na língua pátria termo correspondente:

Para efeito do que dispõe o *caput* deste artigo, na inexistência de palavra ou expressão equivalente em língua portuguesa, admitir-se-á o aportuguesamento da palavra ou expressão em língua estrangeira ou o neologismo próprio que venha a ser criado. (PL 1.676/1999)

Segundo Garcez e Zilles (apud FARACO, 2001), o Brasil está longe de ser um país com uma língua pura e única, os autores argumentam que a fala está em constante movimento e que o contato de diferentes línguas possui grande relevância nesse processo.

A discussão quanto à proibição do uso de palavras externas à nossa língua está estagnada na Câmara dos Deputados e não é nossa intenção ressuscitá-la, mas é uma ocorrência digna de nota e o conhecimento da existência desse episódio nos auxiliará, certamente, na análise e no melhor entendimento quanto aos critérios utilizados para a escolha do uso de termos estrangeiros nos textos de Mauricio de Sousa. Fica, então, uma porta entreaberta para futuras discussões que se fizerem pertinentes ao tema.

4 HISTÓRIAS EM QUADRINHOS

Sonia Bibe-Luyten traz em seu *O que é Histórias em Quadrinhos (1985)* um rico apanhado sobre o início da produção de quadrinhos no mundo. Segundo a autora, a indústria quadrinista iniciou-se em 1894, com a criação da história em quadrinhos chamada *Yellow Kid*, do norte americano Richard F. Outcault. No Brasil, segundo Bibe-Luyten (1985), a jornada dos quadrinhos iniciou-se um pouco mais tarde, em 1905, com a primeira revista intitulada *O Tico Tico*.

Will Eisner (1999, p. 05), renomado quadrinista americano, conceitua histórias em quadrinhos como sendo o principal veículo da chamada Arte Sequencial: “Um veículo de expressão criativa, uma disciplina distinta, uma forma artística e literária que lida com a disposição de figuras ou imagens e palavras para narrar uma história ou dramatizar uma ideia”.

São diversos os recursos utilizados para contar uma história em quadrinhos. Cirne (1972, p. 13) chama de “recursos simultaneístas de paginação” os vários componentes linguísticos, imagéticos, sociais, culturais e artísticos presentes nessas histórias.

Dentre suas características principais, encontramos nas histórias em quadrinhos a mistura da “imagem-palavra” como a principal forma de comunicação desse veículo. As palavras, num texto quadrinizado, são lidas como extensão da imagem e nos exigem um maior esforço na decodificação das informações, nos afirma Eisner (1999, p.8):

A configuração geral da revista de quadrinhos apresenta uma sobreposição de palavra e imagem, e, assim, é preciso que o leitor exerça as suas habilidades interpretativas visuais e verbais. As regências da arte (por exemplo, perspectiva, simetria, pincelada) e as regências da literatura (por exemplo, gramática, enredo, sintaxe) superpõem-se mutuamente. A leitura da revista em quadrinhos é um ato de percepção estética e de esforço intelectual.

Embora a junção de texto e imagem seja uma das características principais de formação da história em quadrinhos, é importante salientar que as histórias podem ser construídas também sem o uso de palavras, apenas apresentando imagens representando a narrativa, orientadas normalmente da esquerda para a

direita, a depender da construção escolhida pelo autor. Trata-se de uma “metáfora visual facilmente identificável e compreendida” (VERGUEIRO, 2015, p. 32).

Segundo Meireles (2015, p.55), as histórias em quadrinhos utilizam principalmente o discurso direto, característico do discurso oral, essa característica da representação da oralidade nos quadrinhos é fortíssima e o autor afirma que: “O texto nos quadrinhos é sempre um exemplo de língua escrita, ou seja, fixada graficamente, o qual, porém, na maioria das vezes, procura incorporar e representar características presentes na linguagem falada”.

Um recurso imprescindível à representação da fala e do som no texto das histórias em quadrinhos é o *balão da fala*. Nele são apresentadas as falas do personagem, num discurso direto. O balão é “uma imagem visualizada do ato de falar” e comunica a característica do som à narrativa, como conceitua Eisner (1999, p. 26). Os balões são desenhados à mão livre, conferindo a emoção da fala à escrita, assumindo formas e tamanhos diferentes para essa representação.

Tendo em vista que uma das características do gênero histórias em quadrinhos consiste em utilizar o texto como imagem, tratando-o como ícone imagético da linguagem escrita, aí “aparece uma função figurativa da linguagem ou uma função linguística da imagem” (CAGNIN, 1975, p. 122). As letras nas histórias em quadrinho são consideradas imagens e participam ativamente da história, seja estando posicionadas de maneira a contribuir com o enredo, crescendo e diminuindo conforme a emoção a ser transmitida, ou se destacando e encolhendo conforme a importância do evento a ser contado, “as letras assumem formas diferentes de acordo com as diferentes intenções e mensagens a serem transmitidas: é a função figurativa do elemento linguístico” (CAGNIN, 1975, p. 130).

Ao longo dos anos, as histórias em quadrinhos receberam um espaço pequeno no âmbito acadêmico e, durante muito tempo, “foram tidas como sublitteratura prejudicial ao desenvolvimento intelectual das crianças” (CIRNE, 1974, p. 11), vigorando no Brasil também o termo *historinhas*, ainda com caráter depreciativo, conforme conceitua CAGNIN (1975, p. 23)”.

No Brasil, as *revistinhas* de histórias em quadrinhos também são conhecidas como *gibis*. Segundo Cagnin (1975, p. 23), o termo *gibi* veio da revista mensal “Gibi”, editada pela Editora Globo, do Rio, nos anos 1940. Mas, felizmente, as historinhas

continuam a crescer “como forma válida de leitura” (EISNER, 1999, p. 07) e atingem grandes massas atualmente.

4.1 Mauricio de Sousa e sua Turma

Mauricio Araújo de Sousa, indiscutivelmente o maior expoente da indústria das histórias em quadrinhos no Brasil, nasceu em 27 de outubro de 1935, em Mogi das Cruzes, no estado de São Paulo. Aos 19 anos era repórter policial no jornal *Folha da Manhã*, hoje chamado *Folha de São Paulo* (SOUSA, 2012).

Cirne (1972) o descreveu como autor de uma obra simples, assim como são simples suas criações. *Franjinha e Bidu*, as primeiras criações de Mauricio de Sousa, foram lançadas em 1959, seguidos de *Cebolinha* (1960), *Horácio* (1967) e *Mônica* (1963). Mauricio publicou suas primeiras histórias pela então Editora Continental. Moacir Cirne já citava na década de 1970 a importância de Mauricio de Sousa para a indústria de quadrinhos brasileiros.

Na década de 1970, já publicando suas histórias pela Editora Abril, o quadrinista conseguiu “penetrar no mercado editorial brasileiro com seus personagens *Mônica, Cebolinha, Cascão, Chico Bento e Pelezinho*” (BIBE-LUYTEN, 1985, p. 78). Em 1970, com tiragem de 200 mil exemplares, a Editora Abril lançou a revista *Mônica*. De 1986 a 2006, os gibis da Turma da Mônica foram publicados pela Editora Globo e, atualmente, desde janeiro de 2007, são publicados pela Editora Panini (SOUSA, 2012, p. 127).

As criações de Mauricio de Sousa figuram em livros, álbuns de figurinhas, filmes de animação, dentre muitos outros produtos e *merchandisings*. A *Turma da Mônica Clássica* ganhou, recentemente, publicações paralelas, como o lançamento da *Turma da Mônica Jovem*, em que os personagens clássicos são retratados na sua época de adolescência, bem como ganhou a divulgação de projetos de *Graphic Novels*,⁶ em que os personagens já conhecidos da turma são retratados por outros quadrinistas e roteiristas.

⁶ Um romance gráfico ou novela gráfica (também se utiliza o termo inglês *graphic novel*) é uma espécie de livro, normalmente contando uma longa história através de arte sequencial (quadrinhos).

O lançamento da coleção histórica das revistinhas de Mauricio de Sousa, intitulada “*Turma da Mônica Coleção Histórica*”, foi feito a partir de 2007 e finalizada em 2015, pela Editora Panini. Foram republicados bimestralmente os primeiros números das revistas mensais de Mauricio de Sousa em ordem cronológica: *Mônica*, *Cebolinha*, *Cascão*, *Chico Bento* e *Magali*, o que possibilitou o acesso das novas gerações aos gibis mais antigos. Os números fazem parte de uma coletânea comemorativa de reimpressões das primeiras edições dos gibis de Mauricio de Sousa, em razão das comemorações do aniversário de 50 anos das revistas da Turma da Mônica.

Quanto às edições selecionadas para esta pesquisa, estão compreendidas as edições lançadas entre 1971 e 1991, que puderam ser adquiridas pelo site da Editora Panini, atual distribuidora das revistas, bem como as edições de 1999 a 2016, que puderam ser adquiridas em sebos literários e bancas de revistas do Distrito Federal. Esses exemplares variam em número de páginas conforme o tipo da publicação. As revistas distribuídas mensalmente apresentam em média 66 páginas por publicação, enquanto os almanaques e as edições especiais podem apresentar até 83 páginas, em média.

Os personagens de Mauricio de Sousa estão presentes em mais de 30 países e, no Brasil, alcançaram em 2012 a marca de um bilhão de revistas impressas (SOUSA, 2012).

5 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Neste capítulo, serão apresentados os dados colhidos para a análise da forma de apresentação dos estrangeirismos nas Histórias em Quadrinhos de Mauricio de Sousa, concernente a dois níveis de apreciação: a análise contextual dos dados, enfocando na análise do domínio linguístico predominante, e a análise linguística, enfocando a classificação dos dados quanto às categorias de Empréstimo Lexical, Semântico e Estrutural, bem como para a análise linguística quanto às marcas visuais gráficas, utilizadas para a apresentação dos termos estrangeiros.

Foram utilizados nesta pesquisa 59 (cinquenta e nove) gibis da Turma da Mônica Clássica, de Mauricio de Sousa, compreendidos entre os anos de 1971 e 2016. As revistas da *Mônica*, *Cebolinha*, *Cascão*, *Magali* e *Chico Bento* foram analisadas página a página na busca de palavras e expressões estrangeiras utilizadas em suas histórias. A quantidade dos gibis utilizados foi uma escolha aleatória, foram selecionados gibis dentre os pertencentes ao acervo pessoal da autora desta pesquisa.

Foram analisadas 3.620 (três mil e seiscentas e vinte) páginas, no total. Das páginas analisadas, apenas 200 (duzentas) continham estrangeirismos e empréstimos, representando 5,5% do total de páginas estudadas.

Analisando o *corpus* coletado, conscientes da existência de influências extralinguísticas a que estão submetidos os textos, principalmente num longo espaço de tempo, identificamos que os termos deveriam ser agrupados preliminarmente em três etapas de períodos distintos. Agrupamos, pois, os dados em períodos de 1971 a 1989, de 1990 a 2008 e de 2011 a 2016.

Desse total de 59 gibis analisados, 21 gibis eram datados de 1971 a 1989, 13 gibis datados de 1990 a 2008 e 25 gibis datados de 2011 a 2016. Foram localizadas 322 entradas lexicais advindas de outras línguas, dentre estrangeirismos, empréstimos, frases, siglas, acrônimos e expressões de referências estrangeiras.

Para uma análise mais detalhada de como se apresentam os estrangeirismos nas histórias em quadrinhos de Mauricio de Sousa, proposta desta obra, dos 322

termos encontrados, foram descartadas as palavras e expressões estrangeiras repetidas; essa quantidade foi reduzida, portanto, a 211 termos únicos e inéditos.

Depois de efetuadas as extinções das repetições, decidimos que, dentre os 211 termos inéditos restantes, seriam retiradas do *corpus* da pesquisa as palavras que, a partir de termos estrangeiros já existentes nos dados, possuíam formas equivalentes acrescidas de processos de flexões de número, gênero e pessoa.

As ocorrências de construções frasais e de palavras com mais de um vocábulo também foram descartadas. Para o prosseguimento salutar deste trabalho, esses termos exigiriam um maior aprofundamento teórico e uma análise mais enraizada dos estudos dos processos de formação de palavras, especificamente os processos de formação por composição, e também o estudo da natureza intertextual das referências frasais apresentadas.

Partindo, portanto, de um total de 211 termos estrangeiros inéditos encontrados nas revistas em quadrinho Turma da Mônica Clássica de Mauricio de Sousa, no período de 1971 a 2016, delimitamos o *corpus* da pesquisa em 129 entradas de palavras simples,⁷ de apenas um vocábulo, sem flexões de gênero, número e pessoa e sem repetições, divididas em três períodos distintos. O *corpus* da pesquisa subdivide-se em 23 palavras encontradas no primeiro período, 22 palavras localizadas no segundo período e 84 palavras encontradas no terceiro período.

A seguir, apresentaremos a análise contextual dos dados, quanto à origem dos termos encontrados.

5.1 Análise contextual dos dados – domínios linguísticos

A partir da distribuição quantitativa dos dados por três períodos de tempo distintos, foi feita uma análise do *corpus* quanto à origem destes, o que revelou a seguinte distribuição:

⁷ Considere-se “palavra simples” o conceito de palavra formada por um único vocábulo, em oposição a palavras compostas, em que dois vocábulos de significados distintos formam um termo de significado próprio.

- No primeiro período, de 1971 a 1989, encontramos, dentre os 23 dados selecionados, a entrada de itens lexicais pertencentes a nove línguas estrangeiras diferentes (inglês, francês, tupi, alemão, angolano, árabe, araucano⁸, italiano e japonês). O período apresentou majoritariamente exemplos de anglicismos,⁹ seguidos de galicismos¹⁰ e palavras indígenas, principalmente da língua tupi, conforme os exemplos *bóbis*, *démodé*, *cafúné* e *cocar*, trazidos nas Figuras 03, 04 e 05, respectivamente, a seguir.

Figura 03 – Bóbis



Fonte: Cebolinha n. 36 (1975).

Figura 04 – Démodé



Fonte: Cebolinha n. 44 (1976).

⁸ Língua araucana, falada pelos araucanos, que são um povo que vivia no vale de Arauco, no Chile.

⁹ Palavras de origem inglesa inseridas na língua portuguesa.

¹⁰ Palavras de origem francesa inseridas na língua portuguesa.

Figura 05 – Cafuné / Cocar



Fonte: Chico Bento n. 20 (1983).

- No segundo período, de 1990 a 2008, encontramos, dentre os 22 dados selecionados, a entrada de seis línguas estrangeiras diferentes (inglês, tupi, árabe, aruaque,¹¹ francês e italiano). O período apresentou uma maioria de anglicismos, seguidos de palavras indígenas, conforme exemplos *catchup* e *cacique*, trazidos nas Figuras 06 e 07, respectivamente, a seguir.

Figura 06 – Catchup



Fonte: Almanaque do Cascão n. 95 (2006).

¹¹ Aruaques são numerosos grupos indígenas da América cujas línguas pertencem à família linguística aruaque (*arawak* “comedor de farinha”). Exemplo do termo *cacique*.

Figura 07 – Cacique



Fonte: Chico Bento n. 371 (2001).

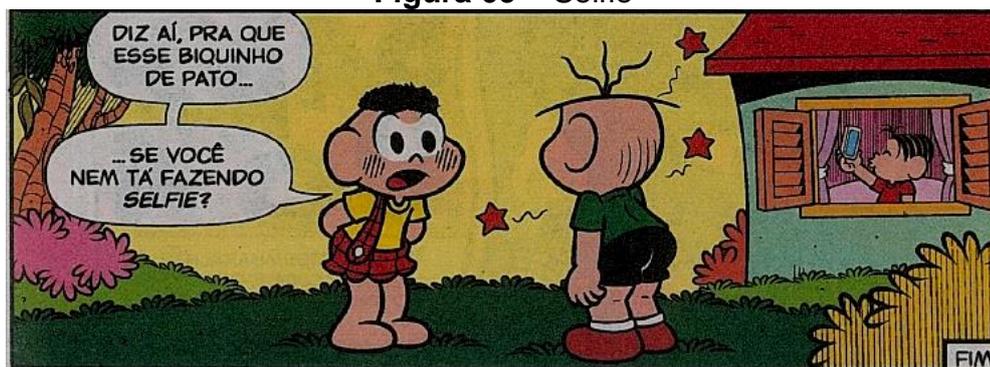
- No terceiro período, de 2011 a 2016, encontramos, dentre os 84 dados selecionados, a entrada de sete línguas estrangeiras diferentes (inglês, italiano, francês, tupi, japonês, sânscrito e o alemão). O período apresentou na sua maioria anglicismos, conforme exemplos *bike*, *selfie* e *help*, trazidos nas Figuras 08, 09 e 10, a seguir.

Figura 08 – Bike



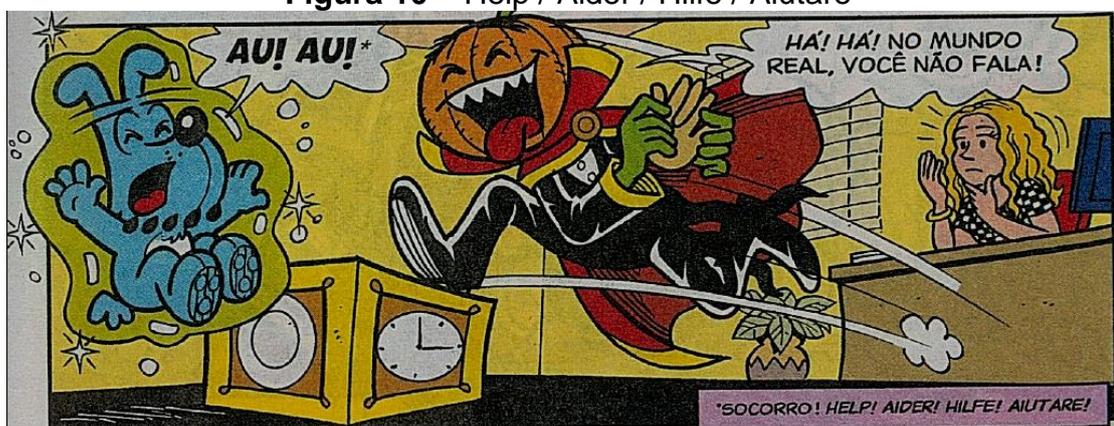
Fonte: Cascão n. 13 (2016).

Figura 09 – Selfie



Fonte: Mônica n. 14 (2016).

Figura 10 – Help / Aider / Hilfe / Aiutare



Fonte: Cebolinha n. 13 (2016).

5.2 Análise linguística dos dados

Os termos estrangeiros podem se apresentar de forma ajustada e adaptada à língua portuguesa, com modificação de morfemas, recebendo diversas adequações fonéticas e ortográficas, e também podem se apresentar tal e qual são nas suas línguas de origem.

Utilizando como base a classificação de empréstimos de Sandmann (1997), concernente aos Empréstimos Lexicais (*Empréstimos Lexicais Adaptados* e *Não Adaptados*), Empréstimos Semânticos e Empréstimos Estruturais, analisaremos os termos do *corpus* deste trabalho e os classificaremos conforme as categorias apresentadas por aquele autor.

Na análise esmiuçada do *corpus* desta pesquisa, constatamos que, dos 129 exemplares encontrados de palavras estrangeiras, apenas dois não se encaixavam no conceito de Empréstimo Lexical. A saber, foram encontrados apenas um exemplar de Empréstimo Semântico e um exemplar de Empréstimo Estrutural.

Todas essas observações foram sintetizadas nos quesitos que se seguem.

5.2.1 Empréstimos Semânticos

É o caso do exemplo encontrado no item lexical *jogos eletrônicos*, em que o termo da língua inglesa *video game* foi traduzido, ou decalcado. O termo encontra-se localizado em exemplar da revista *Cascão*, do ano de 1983, conforme demonstrado na Figura 11,¹² a seguir.

Figura 11 – Jogos eletrônicos



Fonte: *Cascão* n. 36 (1983 – Republicado em julho / 2013 Ed. Panini).

¹² A palavra “eletlônico” está destacada em negrito para indicar erro de grafia, já que o personagem Cebolinha troca o R pelo L em suas falas, não para indicar referência a termo estrangeiro.

5.2.2 Empréstimos Estruturais

Essa é a classificação do exemplo encontrado, a palavra *motoboy*¹³. A constituição da palavra foi feita com palavras da língua portuguesa e inglesa, nos moldes das regras da gramática da língua inglesa para a formação de palavras designativas de profissão, mas não se trata de um anglicismo, e sim de neologismo brasileiro.

O termo *motoboy* está localizado em exemplar da revista Magali, do ano de 2016, conforme demonstrado na Figura 12.

Figura 12 – Motoboy



Fonte: Magali n. 16 (2016).

5.2.3 Empréstimos Lexicais

Dos 127 Empréstimos Lexicais localizados, 64 deles eram adaptados¹⁴ e 63 não adaptados.

Nos primeiros anos das publicações, de 1971 a 1989, dos Empréstimos Lexicais encontrados nesse período, 15 eram adaptados e 08 não adaptados. De 1990 a 2008, dos Empréstimos Lexicais encontrados nesse período, 13 eram

¹³ É um profissional que utiliza moto para entregar e distribuir diversos tipos de objetos.

¹⁴ Digam-se *adaptados* termos que sofreram substituição de morfemas da língua de origem para o Português e *não adaptados* os itens lexicais que não sofreram substituição de morfemas e foram exibidos tal e qual são escritos na língua de origem. O *corpus* não foi analisado no critério “empréstimos em adaptação” por ser necessária uma avaliação diacrônica aprofundada dos dados.

adaptados e 09 não adaptados. De 2011 a 2016, dos Empréstimos Lexicais encontrados nesse período, 36 eram adaptados e 46 não adaptados. Foram trazidos exemplos desses achados nos quesitos que se seguem.

5.2.3.1 Empréstimos Lexicais Adaptados

Essa é a classificação dos exemplos encontrados nas palavras *Video Gueime*, *Uatzápi*, *Roliudiano*, *Roliude* e *Barzan*, conforme demonstrado nas Figuras 13, 14, 15 e 16, respectivamente, a seguir.

Figura 13 – Video Gueime



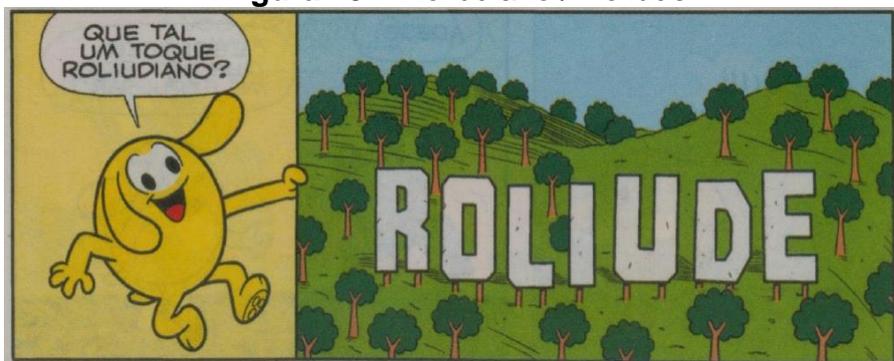
Fonte: Cascão n. 336 (1999).

Figura 14 – Uatzápi



Fonte: Magali n. 14 (2016).

Figura 15 – Roliudiano / Roliude



Fonte: Mônica n. 68 (2012).

Figura 16 – Barzan



Fonte: Cascão n. 20 (1983).

5.2.3.2 Empréstimos Lexicais Não Adaptados

Essa é a classificação dos exemplos encontrados nas palavras *nerd*, *down*, *up*, *Hamlet* e *Shakespeare*, conforme demonstrado nas Figuras 17, 18, 19 e 20, respectivamente, a seguir.

Figura 17 – Nerd



Fonte: Cascão n. 14 (2016).

Figura 18 – Down



Fonte: Mônica n. 71 (2012).

Figura 19 – Up



Fonte: Mônica n. 71 (2012).

Figura 20 – Hamlet / Shakespeare



Fonte: Cebolinha n. 12 (1973).

5.2.4 Marcas gráficas

Sem nos furtarmos a recorrer a Alves (2007), no que tange à enumeração das diferentes formas de apresentação dos termos estrangeiros no texto (como o uso de aspas, negrito ou notas explicativas), traremos alguns itens do *corpus* deste trabalho e exemplificaremos as principais marcas gráficas encontradas na apresentação de estrangeirismos e empréstimos nos quadrinhos de Sousa.

De acordo com análise dos dados, foram encontradas diferentes formas gráficas de apresentação dos empréstimos linguísticos nas histórias em quadrinhos de Mauricio de Sousa. Da mesma forma, a falta de uso de marcas visuais também foi notada. As marcas gráficas encontradas foram na sua maioria: uso de aspas, negrito ou itálico, bem como uso de marcas metalinguísticas de notas de rodapé e tradução, conforme demonstram os seguintes exemplos:

- a) Empréstimos lexicais não adaptados - sem o uso de marcas gráficas, conforme exemplos das palavras *boy*, *yes* e *hippie*, demonstrados nas Figuras 21, 22 e 23.

Figura 21 – Boy



Fonte: Magali n. 14 (2016).

Figura 22 – Yes



Fonte: Almanaque de Historinhas de 2 páginas – Turma da Mônica n. 2 (2008).

Figura 23 – Hippie



Fonte: Cebolinha n. 36 (1975).

- b) Empréstimos lexicais não adaptados - com o uso de marcas gráficas, utilizando marcas metalinguísticas de notas tradutoras de rodapé e

marcas visuais de negrito, conforme palavras *remake*, *fairplay*, *internet*, *thanks* e *marschmallow*, demonstradas nas Figuras 24, 25, 26, 27 e 28, respectivamente.

Figura 24 – Remake



Fonte: Cascão n. 16 (2016).

Figura 25 – Fairplay



Fonte: Cascão n. 13 (2016, com adaptações).

Figura 26 – Internet



Fonte: Chico Bento n. 65 (2012).

Figura 27 – Thanks



Fonte: Cascão n. 21 (2008).

Figura 28 – Marshmallow



Fonte: Cascão n. 67 (2012).

- c) Empréstimos lexicais adaptados - sem o uso de marca gráfica, conforme exemplos *gúgou*, *tuíte* e *Cheiquespir*, demonstrados nas Figuras 29 e 30, respectivamente, a seguir:

Figura 29 – Gúgou / Tuíte



Fonte: Chico Bento n. 65 (2012).

Figura 30 – Cheiquespir



Fonte: Mônica n. 68 (2012).

- d) Empréstimos lexicais adaptados - com o uso de marca gráfica, conforme itens lexicais *rolíúde*, *isnupi* e *bitous*, utilizando marca de aspas e negrito, demonstrados nas Figuras 31 e 32, respectivamente.

Figura 31 – Roliúde



Fonte: Chico Bento n. 465 (2006).

Figura 32 – Isnupi / Bitous



Fonte: Cascão n. 16 (2016).

5.3 Resultados de Pesquisa

Neste item, apresentaremos a interpretação dos dados coletados, revelando as contribuições que este estudo trouxe para a área de conhecimento linguístico.

A tabela a seguir, produzida com base nos dados quantitativos iniciais desta pesquisa, representa a quantidade geral de gibis analisados e dados encontrados.

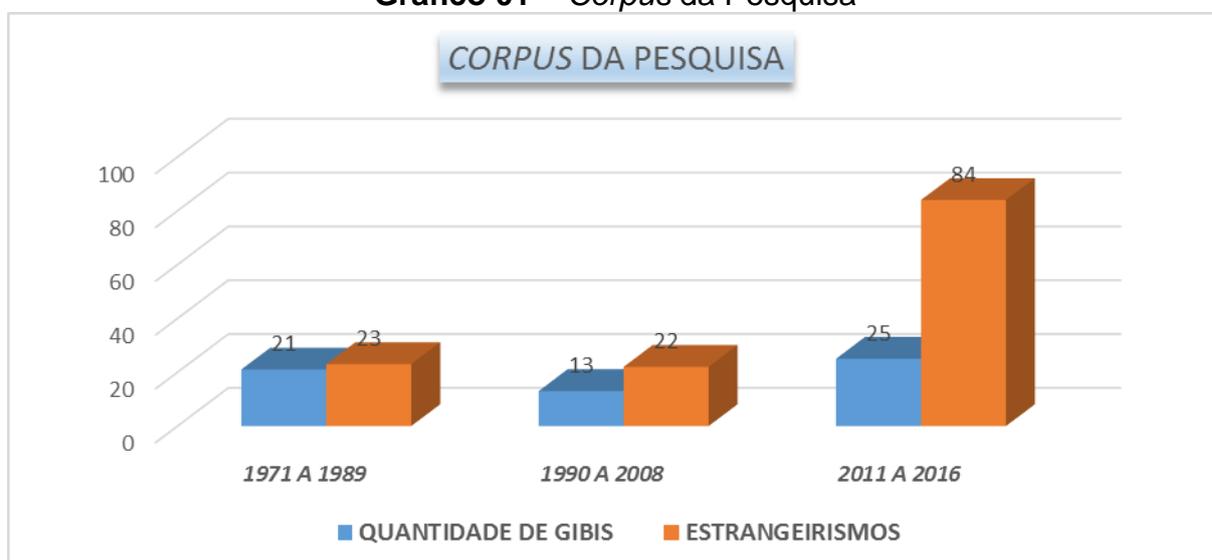
Tabela 01 – Dados Coletados

Dados Coletados		
Período	Quantidade de Gibis	Estrangeirismos Encontrados
1971 a 1989	21	62
1990 a 2008	13	58
2011 a 2016	25	202
Total	59	322

Fonte: Elaboração própria.

A partir dos 322 termos encontrados, os dados foram sintetizados para o número de 129 entradas lexicais. O Gráfico 01 evidencia o *corpus* definitivo da pesquisa, após os recortes e sínteses feitas, demonstrando a maioria de dados estrangeiros localizados nos últimos 5 anos pesquisados.

Gráfico 01 – Corpus da Pesquisa



Fonte: Elaboração própria.

A partir da observação simples da diferença da quantidade de estrangeirismos encontrada nas primeiras décadas analisadas e da quantidade encontrada no período mais recente, já podemos ter a noção do quanto vem aumentando a presença de palavras de outras línguas em textos brasileiros com o passar das décadas.

Nos dois primeiros períodos, divididos em temporadas de 20 anos, aproximadamente, encontramos um total de 45 exemplos de termos advindos de culturas estrangeiras. Essa quantidade foi quase duplicada no último período analisado, que corresponde a uma etapa de cinco anos, aproximadamente, apresentando 84 itens encontrados.

Podemos estabelecer uma relação entre o crescente uso de termos estrangeiros com a amplitude de acesso a informações que a sociedade alcançou com o passar dos anos. O aumento da quantidade de palavras estrangeiras encontradas também nos instiga a considerar que os meios de comunicação, os meios de transporte e os meios que facilitam o contato entre os povos, são hoje o principal instrumento na divulgação e condução de palavras e culturas entre os povos.

Os termos de origem inglesa são atualmente os mais recepcionados na nossa língua, pois são hoje a “grande fonte contemporânea de empréstimos” do português, conforme explicita Garcez e Zilles (apud FARACO, 2001, p. 22). Para traduzir novos pensamentos e visões de mundo aos quais não tínhamos acesso, permitimo-nos tomar emprestado, e, às vezes, não devolver, os termos estrangeiros.

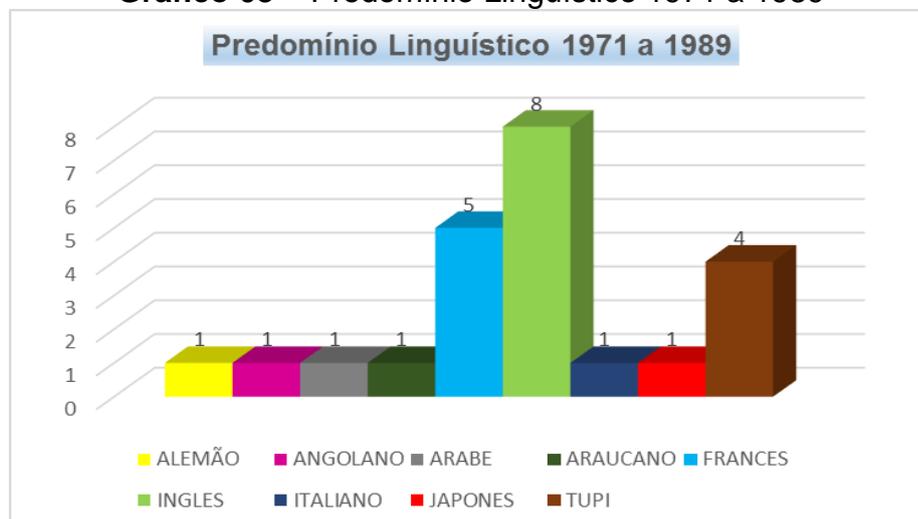
Podemos observar no Gráfico 02, a seguir, a predominância da língua inglesa no domínio linguístico de palavras estrangeiras nas Histórias em Quadrinhos de Mauricio de Sousa:

Gráfico 02 – Predomínio Linguístico Geral – 1971 a 2016

Fonte: Elaboração própria.

O posto de principal fornecedor contemporâneo de neologismos pertencer ao idioma inglês é facilmente compreensível, tendo em vista se tratar de língua utilizada nos dias atuais em países com maior influência nas áreas da economia, informática e esportes, entre outras, e ser largamente empregada na linguagem técnica dessas áreas, linguagem em que a neologia lexical é mais abundante.

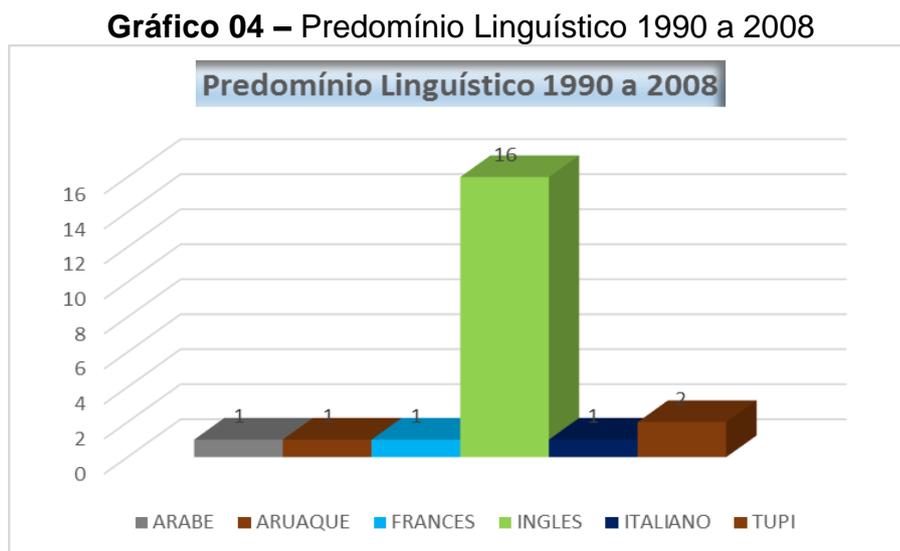
A maioria dos termos encontrados no período de 1971 a 1989 é de origem inglesa e francesa, demonstrando que a presença do idioma francês no primeiro período ainda estava marcada, representando o momento de transição do francês para o inglês como língua dominante, conforme explicitado no Gráfico 03.

Gráfico 03 – Predomínio Linguístico 1971 a 1989

Fonte: Elaboração própria.

O francês, o inglês e o tupi apareceram 8, 5 e 4 vezes, respectivamente, de 1971 a 1989. Os demais idiomas encontrados foram o alemão, o angolano, o árabe, o araucano, o italiano e o japonês, todos com uma entrada lexical apenas.

No período de 1990 a 2008, percebemos que a maioria dos termos advindos de fora é de origem inglesa, conforme explicitado no Gráfico 04.



Fonte: Elaboração própria.

O inglês e o tupi apareceram 16 e 2 vezes, respectivamente, de 1990 a 2008. Os demais idiomas encontrados foram o árabe, o aruaque, o francês e o italiano, todos com uma entrada lexical apenas.

No período de 2011 a 2016, percebemos que a maioria dos termos externos é de origem inglesa, conforme explicitado no Gráfico 05, a seguir.

Gráfico 05 – Predomínio Linguístico 2011 a 2016

Fonte: Elaboração própria.

O inglês, o italiano e o francês apareceram 68, 6 e 5 vezes, respectivamente, de 2011 a 2016. Os demais idiomas encontrados foram o tupi, com duas entradas lexicais, bem como o japonês, o sânscrito e o alemão, esses três últimos com uma entrada lexical apenas.

Conforme pudemos observar nos Gráficos 03, 04 e 05, dos domínios linguísticos apresentados, os anglicismos, galicismos e termos indígenas eram as entradas lexicais estrangeiras mais representativas nos primeiros números analisados das histórias em quadrinhos da Turma da Mônica. Já no último período, o uso dos anglicismos cresceu vertiginosamente, enquanto o uso da língua indígena e dos galicismos foi reduzido.

Atualmente, temos, portanto, a figura da língua inglesa como principal fonte de empréstimos linguísticos, com a diminuição de entradas de palavras francesas e indígenas.

Os dados nos remetem à constatação de que, se há alguns anos a tarefa de ser a principal fonte de empréstimos era incumbida à língua francesa, por exemplo, por esta se tratar, à época, de língua utilizada em país detentor de prestígio econômico e ser nação exportadora de culturas e tendências, essa língua passou a dividir espaço como influenciadora de outros povos com a língua inglesa, nas décadas de 1970 a 1990, e, algum tempo depois, também perdeu o posto de língua dominante para a língua inglesa.

Com relação à diminuição do uso de termos indígenas, temos a observar que são termos utilizados somente nas histórias do personagem indígena *Papa-Capim*, não sendo utilizados em histórias dos outros personagens da Turma, mas pertencerem somente ao universo daquelas histórias específicas da *Turma da Mata*, como uma homenagem de Mauricio de Sousa às nossas origens tupiniquins e uma forma de transmissão de mensagens ecológicas.

Uma possível explicação para a diminuição dos termos indígenas pode se encontrar no fato de o personagem ter perdido presença nas revistas, não sendo representado com a mesma frequência nas páginas dos gibis do personagem *Chico Bento*, da Turma da Mônica.

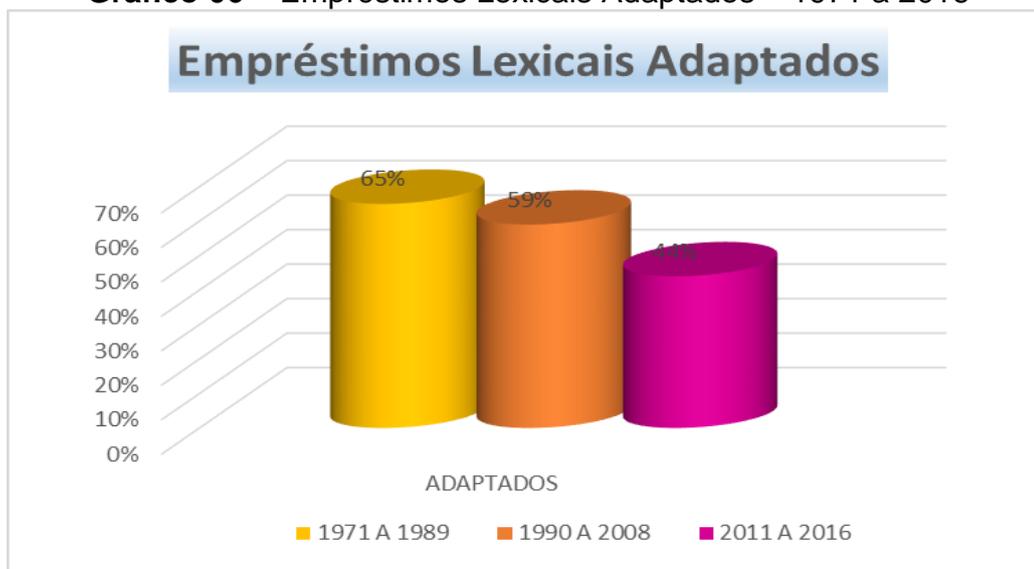
Num segundo momento da análise, percebemos que os empréstimos semânticos e estruturais não apresentam grande produtividade nas histórias em quadrinhos analisadas, tendo sido encontrada apenas uma única ocorrência desses tipos de empréstimos.

Conclui-se, portanto, que as estruturas estrangeiras e as traduções literais não são as principais formas de apresentação de termos estrangeiros no nosso léxico, não sendo estes os processos mais produtivos na formação de novas palavras.

Em contrapeso à pouca produção lexical dos empréstimos semânticos e estruturais, a grande produtividade dos Empréstimos Lexicais é visível. Foram localizados 127 exemplares deles no total de 129 entradas lexicais, quase a totalidade do *corpus*. A quantidade de Empréstimos Lexicais adaptados encontrada representa 51% dos dados e a quantidade de empréstimos não adaptados representa 49% da análise.

Esses últimos números, se vistos de maneira abrangente, passam-nos uma ideia de que a quantidade de termos adaptados e não adaptados à língua portuguesa nos quadrinhos de Mauricio é praticamente a mesma, podendo nos induzir a uma generalização errônea, motivo pelo qual não poderíamos abrir mão de considerar os três períodos distintos na avaliação.

Nos Gráficos 06 e 07, a seguir, representamos a porcentagem de entradas lexicais adaptadas e não adaptadas inseridas ao longo das décadas nas revistas em quadrinhos de Mauricio de Sousa.

Gráfico 06 – Empréstimos Lexicais Adaptados – 1971 a 2016

Fonte: Elaboração própria.

No Gráfico 06 vemos apresentados os empréstimos lexicais adaptados, representando 65% dos dados localizados nos primeiros anos avaliados e representando 44% dos dados localizados a partir de 2011.

Gráfico 07 – Empréstimos Lexicais Não Adaptados – 1971 a 2016

Fonte: Elaboração própria.

No Gráfico 07 vemos apresentados os empréstimos lexicais não adaptados, representando 35% dos dados localizados nos primeiros anos avaliados e representando 55% dos dados localizados a partir de 2011.

Percebemos com nitidez, por meio da observação desses gráficos, a manifestação de um dado importante quanto ao uso de estrangeirismos nas revistinhas Turma da Mônica: o quantitativo de adaptações vem diminuindo com o passar dos anos e o quantitativo de não adaptações vem aumentando gradualmente. As adaptações ortográficas estão ficando mais raras e estamos reproduzindo cada vez mais em nossos textos os termos tal e qual eles se apresentam na sua língua de origem.

Ao levantarmos uma hipótese de explicação a esse fenômeno, deparamo-nos com a possibilidade de conclusão de haver atualmente uma necessidade menor de identificação e adequação vernacular dos termos estrangeiros, tendo em vista o contato mais frequente das línguas e as amplas formas de sua divulgação.

Num terceiro momento da análise, enfocamos que é sabido que palavras estrangeiras devam ser destacadas das demais apresentadas no texto, como forma de diferenciação, já nos afirmou Alves (2007). Na análise dos dados, pudemos notar a presença de marcas gráficas presentes em termos adaptados e não adaptados, nos diferentes anos averiguados, bem como também há de se ressaltar a ausência de marcas gráficas nesses termos adaptados e não adaptados, nos diferentes anos averiguados, não possuindo, portanto, padronização aparente.

Acrescentamos ainda que, para as adaptações encontradas, não percebemos nenhuma característica comum para estabelecer critérios de padronização das adaptações vernaculares ou de apresentação.

Para a problematização da arbitrariedade das escolhas da apresentação de palavras de outras línguas, dentre outras ocorrências similares, destacamos os exemplos das figuras 20 e 30, às páginas 46 e 51 deste trabalho, respectivamente.

Na figura 20, temos o termo não adaptado “Shakespeare”, sem nenhuma marca visual, trazido num exemplar de 1973. Na figura 30, em contraponto, temos o termo adaptado “Cheiquespir”, igualmente sem apresentação de marca gráfica, trazido num exemplar de 2012.

Os exemplos destacados não acompanham a estatística da maioria dos números levantados nos dados apresentados, em que a maioria dos dados adaptados são apresentados nos anos anteriores e vêm em diminuição nos anos mais recentes. Estes exemplos demonstram, portanto, o caráter arbitrário e

discricionário da escolha de uso das formas vernaculares ou formas estrangeiras, bem como da arbitrariedade do uso de marcas visuais gráficas, nas publicações de Maurício de Sousa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na intenção primeira de descrever e apontar padrões de apresentação dos estrangeirismos, o presente trabalho procurou refletir sobre a maneira que se apresentam as palavras de outras línguas no português brasileiro. Esta pesquisa procurou inventariar e quantificar a presença do fenômeno dos empréstimos linguísticos e levantou questões acerca da padronização adotada para a recepção, adaptação e exibição de termos oriundos de língua estrangeira, por meio da análise de *corpus* dos textos dos quadrinhos da Turma da Mônica, de Mauricio de Sousa, ao longo das décadas.

Ficou constatado, em primeira análise, o atesto de que houve aumento de ocorrências e aumento de frequência de uso de palavras estrangeiras nas décadas mais recentes. Antes disso, eventualmente, algum gibi não apresentava termos estrangeiros.

É imperioso retomar aqui os números encontrados. Constatou-se que há atualmente a predominância de palavras oriundas da língua inglesa e que, além disso, houve diminuição das ocorrências das palavras de língua francesa e de origem indígena.

As estatísticas apresentadas mostraram também que as adaptações de palavras estrangeiras vêm diminuindo gradualmente em oposição ao aumento de entrada das palavras sem adaptações ortográficas vernaculares.

Os destinatários das histórias em quadrinhos são, geralmente, e mais especificamente nas histórias da Turma da Mônica de Mauricio de Sousa, pertencentes ao universo infantil. A partir dessa constatação, é de fácil juízo concluir que as introduções de termos novos a este universo deveriam ser adaptadas para o melhor entendimento da criança. Percebemos, entretanto, que a diminuição das adaptações advém da já não obrigatoriedade da troca de termos estrangeiros por formas vernaculares, tendo em vista que a criança leitora de hoje, diga-se especificamente o público-alvo das revistas de Maurício de Sousa, tem muito mais acesso à informação do que tinha nas décadas de 1970 e 1980.

Esses são dados importantes para o entendimento da crescente influência estrangeira nos nossos textos e evidencia uma menor necessidade de adaptação e

adequação vernacular dos termos forasteiros à nossa língua, nada atrapalhando o processo de comunicação.

Não trouxemos nenhum juízo de valor quanto a essas informações, não há o que se falar quanto à descaracterização da língua portuguesa por meio das entradas de itens lexicais estrangeiros. Deixamos, pois, que os projetos de lei continuem a discutir acerca disso, mas a constatação numérica desses dados nos convida a futuras reflexões.

Segundo Sandmann (1997), os processos flexionais seriam apenas características de produtividade sintática da língua, demonstrando sua eficiência, não de produtividade lexical. Exemplos como *skates*, *shows* e *pizzas*, todas consideradas formas flexionadas de exemplos já constantes no *corpus* foram retirados do recorte feito. Em contrapartida, exemplos como *skatista*, *pizzaria*, dentre outros, foram considerados novas palavras e acrescentados à análise, por se tratarem de palavras sucedidas de elementos derivacionais da língua portuguesa, característica de um processo da inovação lexical e da recepção/adaptação de um estrangeirismo.

Percebemos nesta pesquisa que há o aportuguesamento intuitivo dos termos, há adaptações intuitivas de termos estrangeiros ao sistema fonológico da língua, acrescentando vogais nos finais de sílaba, dentre outros fenômenos fonológicos habituais. A análise dos processos de adaptação dos estrangeirismos à língua portuguesa com base em regras de seu sistema fonológico, não sendo foco deste trabalho, é um interessante tema para posterior aprofundamento.

Da análise dos dados, também inferimos que não existem critérios definidos para a apresentação dos termos oriundos de língua estrangeira quanto à padronização referente à recepção, adaptação e exibição de empréstimos e estrangeirismos nas histórias em quadrinhos de Mauricio de Sousa.

Para o ofício da revisão de texto, no caso específico da revisão de roteiros dos quadrinhos de Mauricio de Sousa, não há uma padronização para a adaptação de termos estrangeiros a formas vernaculares ou ainda não parece haver padronização para a inserção de marcas visuais de identificação de palavras estrangeiras e/ou das adaptações, obedecendo a um caráter arbitrário de inserção.

Deduzimos, portanto, que o que prevalece na decisão do roteirista, referente à escolha do uso de termos estrangeiros ou palavras vernáculas, de termos adaptados ou não, do uso de marcas visuais ou não, é o objetivo e a função da mensagem que se queira transmitir ao destinatário. Desde a emoção que se pretende passar com as letras posicionadas intencionalmente em determinada localização na página até a escolha do repertório linguístico nacional ou importado, tudo é feito num viés arbitrário, não padronizado, utilizando critérios estilísticos, sempre tendo como alvo o universo semântico do receptor e da narrativa a ser contada.

Esta pesquisa não esgota, no entanto, o assunto, constituindo um esforço analítico que visou contribuir para a discussão e a reflexão sobre o objeto de estudo focalizado. Desse modo, esperamos que este trabalho tenha cooperado de alguma forma para o entendimento sobre o fenômeno dos empréstimos linguísticos e suas formas de apresentação, contribuindo para o surgimento de outras discussões e pesquisas relacionadas.

REFERÊNCIAS

ALVES, Ieda Maria. **Neologismo**: criação lexical. 3. ed. São Paulo: Ática, 2007.

BASÍLIO, Margarida. **Teoria Lexical**. 8. ed. São Paulo: Ática, 2007.

BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do discurso**. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra. Notas da edição russa de Serguei Botcharov. São Paulo: Editora 34, 2016.

BECHARA, Evanildo. **Moderna Gramática Portuguesa**. 37. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BIBE-LUYTEN, Sonia M. **O que é histórias em quadrinhos**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1985.

CAMBRIDGE UNIVERSITY PRESS. **Cambridge Advanced Learner's Dictionary**. United Kingdom: Cambridge University Press, 2005.

CAGNIN, Antônio Luis. **Os quadrinhos**. São Paulo: Ática, 1975.

CIRNE, Moacy da Costa. **Para ler os quadrinhos**: da narrativa cinematográfica à narrativa quadrinizada. Petrópolis: Vozes, 1972.

_____. **A explosão criativa dos quadrinhos**. 4 ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1974.

EISNER, Will. **Quadrinhos e arte sequencial**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FARACO, Carlos Alberto. **Estrangeirismos**: guerras em torno da língua. 4. ed. São Paulo: Editora Parábola, 2001.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. 3 ed. Rio de Janeiro: Ed. Positivo, 2004 (Versão Eletrônica).

HOUAISS, Antônio. VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

_____. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

MEIRELES, Selma Martins. Quadrinhos e linguística: onomatopeias e interjeições e suas funções na narrativa em quadrinhos. In: **A linguagem dos Quadrinhos**. VERGUEIRO, Waldomiro; SANTOS, Roberto Elísio (Org.). São Paulo: Criativo, 2015.

MOSÉ, Viviane. **Revelação**. Disponível em: <<https://www.mensagenscomamor.com/poemas-de-viviane-mose>>. Acesso em: 2 dez. 2016.

PL 1.676/1999. **Projeto de Lei**. Disponível em: <<http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=17069>>. Acesso em: 27 out. 2016.

SANDMANN, Antônio José. **Morfologia lexical**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 1997.

SOUSA, Mauricio de. **Cascão**, Ed. Globo, n. 336, 1999.

_____. **Chico Bento**, Ed. Globo, n. 372, 2001.

_____. **Almanaque do Cascão**, Ed. Globo, n. 95, 2006.

_____. **Chico Bento**, Ed. Globo, n. 465, 2006.

_____. **Almanaque do Cebolinha**, Ed. Globo, n. 95, 2006.

_____. **Cascão**, Ed. Globo, n. 465, 2006.

_____. **Mônica**, Ed. Globo, n. 244, 2006.

_____. **Mônica**, Ed. Panini, Especial de Natal, n. 01, 2007.

_____. **Turma da Mônica**, Ed. Panini, Almanaque historinhas de duas páginas, n. 2, 2008.

_____. **Cascão**, Ed. Panini, n. 21, 2008.

_____. Cascão. **Turma da Mônica Coleção Histórica**, São Paulo, n. 12. Republicação da edição de janeiro 1983. Ed. Panini, 2009.

_____. Chico Bento. **Turma da Mônica Coleção Histórica**, São Paulo, n. 12. Republicação da edição de janeiro 1983. Ed. Panini, 2009.

_____. Magali. **Turma da Mônica Coleção Histórica**, São Paulo, n. 12. Republicação da edição de dezembro 1989. Ed. Panini, 2009.

_____. Mônica. **Turma da Mônica Coleção Histórica**, São Paulo, n. 12. Republicação da edição de abril 1971. Ed. Panini, 2009.

_____. Cebolinha. **Turma da Mônica Coleção Histórica**, São Paulo, n. 12. Republicação da edição de setembro 1973. Ed. Panini, 2009.

_____. Cascão. **Turma da Mônica Coleção Histórica**, São Paulo, n. 20. Republicação da edição de maio 1983. Ed. Panini, 2010.

_____. Cebolinha. **Turma da Mônica Coleção Histórica**, São Paulo, n. 20. Republicação da edição de junho 1974. Ed. Panini, 2010.

_____. Chico Bento. **Turma da Mônica Coleção Histórica**, São Paulo, n. 20. Republicação da edição de maio 1983. Ed. Panini, 2010.

_____. Mônica. **Turma da Mônica Coleção Histórica**, São Paulo, n. 20. Republicação da edição de dezembro 1971. Ed. Panini, 2010.

_____. **Cascão**, Ed. Panini, n. 49, 2011.

_____. **Cascão**, Ed. Panini, n. 65, 2012.

_____. **Cascão**, Ed. Panini, n. 67, 2012.

_____. **Cascão**, Turma da Mônica Coleção Histórica, São Paulo, n. 28. Republicação da edição de setembro 1983. Ed. Panini, 2012.

_____. **Cebolinha**, Ed. Panini, n. 67, 2012.

_____. **Cebolinha**, Ed. Panini, n. 71, 2012.

_____. Cebolinha. **Turma da Mônica Coleção Histórica**, São Paulo, n. 28. Republicação da edição de abril 1975. Ed. Panini, 2012.

_____. **Chico Bento**, Ed. Panini, n. 67, 2012.

_____. **Chico Bento**, Ed. Panini, n. 65, 2012.

_____. Chico Bento. **Turma da Mônica Coleção Histórica**, São Paulo, n. 28. Republicação da edição de setembro 1983. Ed. Panini, 2012.

_____. **De quem é esse coelho?** Porto Alegre: L&PM, 2012.

_____. **Magali**, Ed. Panini, n. 67, 2012.

_____. **Magali**, Ed. Panini, n. 71, 2012.

_____. Magali. **Turma da Mônica Coleção Histórica**, São Paulo, n. 28. Republicação da edição de julho 1990. Ed. Panini, 2012.

_____. **Mônica**, Ed. Panini, n. 67, 2012.

_____. **Mônica**, Ed. Panini, n. 68, 2012.

_____. **Mônica**, Ed. Panini, n. 71, 2012.

_____. Mônica. **Turma da Mônica Coleção Histórica**, São Paulo, n. 28. Republicação da edição de agosto 1972. Ed. Panini, 2012.

_____. Magali. **Turma da Mônica Coleção Histórica**, São Paulo, n. 36. Republicação da edição de novembro 1990. Ed. Panini, 2013.

_____. Cebolinha. **Turma da Mônica Coleção Histórica**, São Paulo, n. 36. Republicação da edição de dezembro 1975. Ed. Panini, 2013.

_____. Chico Bento. **Turma da Mônica Coleção Histórica**, São Paulo, n. 36. Republicação da edição de dezembro 1983. Ed. Panini, 2013.

_____. Mônica. **Turma da Mônica Coleção Histórica**, São Paulo, n. 36. Republicação da edição de abril 1973. Ed. Panini, 2013.

_____. Magali. **Turma da Mônica Coleção Histórica**, São Paulo, n. 44. Republicação da edição de fevereiro 1991. Ed. Panini, 2014.

_____. Cascão. **Turma da Mônica Coleção Histórica**, São Paulo, n. 44. Republicação da edição de abril 1984. Ed. Panini, 2014.

_____. Cebolinha. **Turma da Mônica Coleção Histórica**, São Paulo, n. 44. Republicação da edição de agosto 1976. Ed. Panini, 2014.

_____. Chico Bento. **Turma da Mônica Coleção Histórica**, São Paulo, n. 44. Republicação da edição de abril 1984. Ed. Panini, 2014.

_____. Mônica. **Turma da Mônica Coleção Histórica**, São Paulo, n. 44. Republicação da edição de dezembro 1973. Ed. Panini, 2014.

_____. **Cascão**, Ed. Panini, n. 13, 2016.

_____. **Cascão**, Ed. Panini, n. 14, 2016.

_____. **Cascão**, Ed. Panini, n. 16, 2016.

_____. **Cebolinha**, Ed. Panini, n. 13, 2016.

_____. **Cebolinha**, Ed. Panini, n. 14, 2016.

_____. **Cebolinha**, Ed. Panini, n. 16, 2016.

_____. **Chico Bento**, Ed. Panini, n. 16, 2016.

_____. **Magali**, Ed. Panini, n. 13, 2016.

_____. **Magali**, Ed. Panini, n. 14, 2016.

_____. **Magali**, Ed. Panini, n. 16, 2016.

_____. **Mônica**, Ed. Panini, n. 13, 2016.

_____. **Mônica**, Ed. Panini, n. 14, 2016.

_____. **Mônica**, Ed. Panini, n. 16, 2016.

VERGUEIRO, Waldomiro; SANTOS, Roberto Elísio (Org.). **A linguagem dos Quadrinhos**. V. São Paulo: Criativo, 2015.